

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 15 A 21 DE DEZEMBRO DE 1975 Nº 24

CR. \$ 2.00

~~ABONADO~~

EMPRÉSTIMOS

SERVICO DE TERCEIROS
saneamento?

ASFALTO
CARO

torneio da fome

BURACOS NAS RUAS

ÁREA VERDE?

cabide de empregos

FALTA D'ÁGUA

movimento de terra

HOSPITAIS

EDER JOFRE

concorrência do
sistema viário

IMPOSTO

ESPECULAÇÃO
IMOBILIÁRIA

SERRA DO JAPI
DESTRUIÇÃO
"A GALEGA"

ÁRVORES CORTADAS

COMÉRCIO

A VEZ DO COMPRADOR P. 8 E 9

FUTEBOL E CARNAVAL

O QUE O PREFEITO DISSE
O QUE O PREFEITO FAZ P. 10

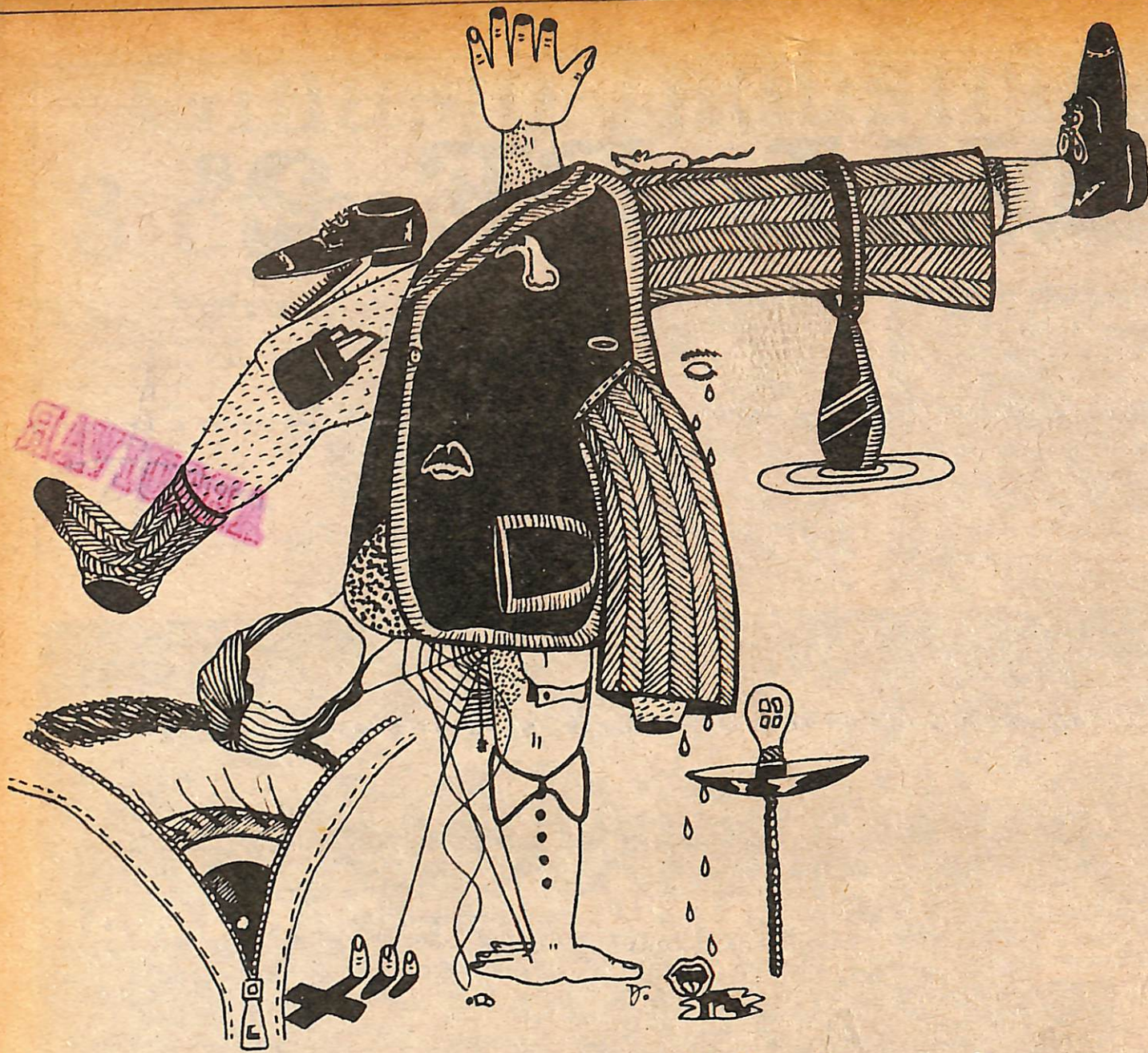
JUCA CHAVES

DUAS ENTREVISTAS EXCLUSIVAS P. 11

ADEMIR FERNANDES

A DURA "LUTA" POR UMA
BOA MANCHETE P. 15

MELHOR SORTE
NA PRÓXIMA,
PETRONILHA!



Muito pelo contrário demais

O Duto foi pego na marra, alta noite de quinta-feira, pra fazer a capa. Às cinco e meia da madrugada (ou manhã?) da sexta-feira, pardal pian-do no forro da casa antiga, gente já na rua pra trabalhar, ele decalcou a última letra-set na arte-final: **5**, de 1975. **8 a 14 de dezembro de 1975**. Entregou pro pessoal da diagramação e foi dormir.

No dia 8 de dezembro de 1975 lá estava o jornal na banca, com a capa do Duto. Só que a foto havia saído do lugar e foi impressa assim, torta, deslocada.

Na página 3 faltou a assinatura do Virgílio Torricelli, justamente no artigo mais importante, segundo ele, da série **"Concorrências Públicas"**.

Na "Zona Franca", a colaboração do leitor Ulysses Jorge Martinho (**"A Disciplina do Silêncio"**) também saiu sem assinatura.

Não há de ser nada. Vamos ver as páginas centrais, reportagem sobre o comércio local, assunto de atualidade, páginas 8 e 9, matéria que inspira a capa.

Revolução no comércio! **Raphael Zalaf** vira dono da **Loja Nova**, sem que o Kalaf saiba. **Nivalda**, sem aviso prévio, assume a gerência do **Crédi Tranquilo**. Sorte teve Benjamin Herman, cuja foto não foi publicada, embora estivesse programada: ele acabaria vendendo móveis na Vila Arens, podes crer.

E agora, tchan, tchan, tchan, tchan, a página recém-inaugurada, com chamada de capa no número anterior! Com vocês, respeitável, a **"Página 13"**! (Aplausos).

"Assuntos gerais e arquivancadas", uma nota sobre o futuro dos partidos políticos e do Corintians, sai metade no

devido lugar e metade como conclusão (ainda mais estúpida) da coluna **"Vã Filosofia"** - o esforço metafísico do orador vos fala na tentativa de compreender o que se passa nos corações humanos. Meleca total, que nem o autor conseguiu entender.

Mas não importa, gente. O que o pessoal gosta mesmo de ler são as notícias amenas, televisão, por exemplo. Por isso, passemos à página 14, famintos para saber **"O que vai pelos ares"**.

Olhai, **Noel Rosa**! Só que saltitando, uma linha aqui, outra ali, o começo na metade, o início no meio da outra coluna, uma glória!

Parei aí, dobrei o jornal em quatro e atirei pela janela do ônibus da **"Cometa"**, bons ventos o levassem. Não me atrevi sequer a ler minhas páginas favoritas: a do Bartimeu e a do Sandro e Percival.

Tive medo, juro. Por-

que seria extremamente chato ver o Bartimeu fazendo **"Pufs!"** (quibebé é um turco muito chegado à cachaça), ou o Sandro travestido de **Profa. Zuleika**, horoscopando, ou Percival trovando chorado:

"Os jundiás me perdoem, Eu que sou da Capital, ô terrinha desgraçada ... minigildos, o escambau"

Quando o sangue ia começar a ferver na minha cabeça, me lembrei da piada da freirinha - noviça - que costurava no convento, quando furou o dedo com a agulha.

E, pra espanto do meu companheiro de assento, que começava a risonhar com o balanço do ônibus, exclamei em alta voz:

— Que me importa. Eu não queria ser jornalista mesmo!

Erazé Martinho

Canto chorado

Não sei quem foi que contou uma estória gozada sobre dois loucos que fugiram do Juqueri.

Ouviram falar, com perplexidade, num "progresso que explodia de minuto a minuto". Ouviram falar em Turismo na Serra do Japi; num Rego de Ouro que os antigos chamavam de Córrego do Mato, e numa porção de eventos maravilhosos que não sopitaram o desejo de conhecer. E aqui aportaram já "despoluidos" das insânias dos seus "colegas".

Passaram pelo Guapeva apertando os narizes e subiram o escadão do grupo, entrando na Barão.

Ao cruzarem a primeira casa, diz um louco ao outro: Esta é a colenda dos minigildos. São muito engraçados e liberais. Bem mais descontraídos do que nós. Não levam o treco a sério. Trabalham como os rotarianos, isto é, engrupindo gostosos salgadinhos.

— Quem paga?

— Ah, é Petronilha, uma velha suja, malcheirosa e feia, que nas noites cismadôras pranteia a sua tísica no córrego dos aventureiros. Sigamos, porém, a fim de que nios sobre tempo até ver o "progresso".

— Que é isto aqui?

É a Prefeitura — o ninho dos "chupetas". É para aqui que os marmiteiros canalizam o seu pingado... Uma espécie de refúgio pecadorum... Um problema social para 1.977. Continuemos nossa marcha, mas, sem passar pela Chácara Urbana, isso porque, nós, os loucos, somos muito supersticiosos e dizem que lá tem dente de coelho, ou melhor, que a zona anda mal assombrada, com fantasmas atirando a esmo. Desviemos, então, pela Rosário...

— Que restaurante bonito!...

É o Haiti. Cozinha à "la carte"

— E aqueles comensais — passam de dez — regalam-se a valer — devem ser muito ricos...

— Ricos coisa nenhuma. São pés-de-chinelo...

— E como comem! Que é que fazem?

— Acapangam um cara que por tantas brigas criar anda agora com medo da própria sombra. Nem na igreja os dispensa.

— Mas, como comem! Quem paga?

— Petronilha, aquela velha exaurida e mulambenta de quem já te falei. Dobremos por aqui...

— E aquilo ali, no meio da praça?

— É a secretaria da educação. Os amigos, ali, são tratados a pão-de-ló. É um modo de dizer. São recebidos entre sorrisos e tapinhas nas costas, na mais invejável das felicidades, com limonadas, laranjadas, cocas, fantas e outros refrescantes com que se deliciam dentro e fora do expediente.

— Quem paga?

— Petronilha, sempre Petronilha...

— Doem-me as pernas. Quero ver logo o "progresso" explodindo de minuto a minuto...

— Então, desçamos até o córrego... É aqui... Custou tanto dinheiro, que os jundiás vão levar duas gerações para pagá-lo.

— É só isso?

— Por enquanto é só, mas tem muita coisa programada.

— Ah! corta essa. Aqui, pelo que vejo, ou são mais doidos do que nós, ou comeram muita marmelada em criança... Cortamos patota, vamos voltar.

(E em regressando, apanharam na rua certo almanaque farmacêutico que um deles passou a ler:

— Fim-matou-Zan... Esper-matou-Zoide... E Quim-matou-Guarda?...)

Se Davi não foi, nem foi Diogo

Se não se encontra o ladrão

Quem que estará nesse jogo

Ou é obra da excomunhão

Do povo no desafio?

Se essa coisa continuar

Com tantos gajos no Haiti,

Os cobres, pelo que vejo,

Começarão a faltar

E a vaca dos "chupetas" vai p'ro brejo.

Simão



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**
IMPRESSOS
EM GERAL

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PAÑSERVIÇOS
Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2ª FEIRA*

Propriedade da **Editora Japi Ltda.**

Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759

Redator-Chefe: **Celso Francisco de Paula**

~~Camilo de Paula~~ **Martinho**

Ilustrações: **Décio Denardi**

Oficinas Impressoras: **"Cruzeiro do Sul"**

R. de São Bento, 245 — Sorocaba

Assinaturas

Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

A corrida do ouro

Em boa hora o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, General Ernesto Geisel, encaminhou ao Senado Federal um projeto que estabelece limitações para o endividamento dos Estados e Municípios.

Somente a apresentação desse projeto já torna evidente que abusos sem conta estão ocorrendo no país, onde prefeitos, especialmente, elegem-se para dirigir uma comunidade com promessas de bem desempenhar o mandato e depois de colocados nos cargos - que julgam um pedestal - se esquecem completamente dos termos do compromisso ou demonstram não conhecer absolutamente nada da expressão bem desempenhar. Daí em diante, no dia da posse, transformam-se de tal maneira que parece nunca ter existido eleitorado e passam a considerar o povo um bando de reclamantes e chatos.

Começam a sonhar alto e em muitos casos a realizar os sonhos por mais mirabolantes

que sejam, a qualquer custo. São obras faraônicas para marcar posições atuais ou futuras, satisfazer vaidades e às vezes para preencher desvios outros não identificados.

A verdade, acredita-se, é que os órgãos governamentais da União, sempre atentos aos problemas econômicos e políticos e bem assim aos sociais, tomaram posição, preocupados que estão com os acontecimentos que solapam a economia de muitos municípios, onde administradores irresponsáveis estão sacando contra o futuro.

Todos aqueles que conhecem pouco ou muito do que se passa nesse campo devem ter tomado conhecimento do projeto presidencial e aplaudido a iniciativa que se espera seja aprovada com a máxima urgência.

O projeto é completo e objetiva disciplinar as dívidas públicas e para os municípios determina desde logo que o máximo de capacidade de endividamento é de 70% sobre a receita do ano anterior, abolindo o pernicioso e abusivo sistema de empréstimos com base em projeção financeira (a tal feita por aquela firma que abischoitou Cr\$ 1.000.000,00, sendo Cr\$ 400.000,00 antes de qualquer serviço feito para dizer que as receitas aumentariam de ano a ano, num cálculo matemático dos mais simples, tanto que isso tudo vai ser proibido). O método usado é o mesmo daqueles que encantados com os financiamentos da casa própria começam a forjar salários, da mulher, dos filhos e emprestam mais do que podem. Quando começam a pagar as prestações se arrebatam e botam a culpa no BHN. Isso sem tirar nem por é o que está acontecendo em Jundiá. As correções monetárias vão nos comer por uma perna, exatamente porque as dívidas estão acima de nossa capacidade.

A urgência na aprovação do projeto se faz necessária porque estamos em final de mandatos e muitos prefeitos com pedidos em andamento, outros a iniciar. Está claro que, insa-

ciáveis que são, correrão ao máximo vapor e mandarão brasa para não perderem a oportunidade, de não deixarem pedra sobre pedra. Todas essas instituições financeiras não estão oferecendo dinheiro? Pois vamos emprestar e que arrebe a guela de quem gritou.

Realmente, a única coisa que se sente é que não haja uma disposição de ordem superior às Instituições de financiamento no sentido de obstem a corrida do ouro enquanto não for aprovado o projeto, e no caso dos que estiverem dentro das suas especificações, a natural liberação.

Justifica-se tal necessidade. Afinal de contas trata-se de um projeto moralizador e não será depois da aprovação que se tornará uma lei moralizadora. A intenção é moralizadora, é um projeto moralizador. Tem que ser já. Se há abusos e se há prefeituras tomando empréstimos além das possibilidades preconizadas pelo Governo, nada mais

justo que uma medida urgente e eficiente. Não vamos deixar a porta da cadeia aberta, com um aviso de que o carcereiro não vai demorar. No caso o projeto passaria a representar um aviso aos navegantes de águas turvas: **Aproveitem enquanto é tempo que a mamata vai acabar.**

Como está, os municípios emprestando a mais não poder, teremos mais de 10 anos para recuperação, considerando os impedimentos legais.

E é fácil de entender. Tomemos Jundiá como exemplo, Município que se não pontifica em outros campos da administração municipal, neste sim. Em se tratando de endividamento toma a dianteira disparado e tira de letra qualquer concurso. O que já conseguiu emprestar nesta administração já dá estouro na capacidade fixada no projeto.

Somando-se o que está conseguindo passa a ser explosão. Assim sendo, como se arranjarão

os futuros prefeitos em caso de necessidade, proibidos que estarão de realizar novos empréstimos?

Quem poderá garantir que todas as necessidades foram supridas nesta administração, quando se sabe exatamente o contrário, porque se emprestou para obras não prioritárias que poderiam ser realizadas a médio ou longo prazo?

Daí a necessidade de medidas prontas e enérgicas para sustar o que puder nesse oceano de inúmeros maus administradores que infelizmente dirigem muitos municípios brasileiros e que comprometem seriamente além do futuro de suas cidades, um governo que desde 1964 vem procurando e dando tudo de si para moralizar este país.

(Nota: O último artigo sobre o contrato com a firma G. Sampaio, saiu sem nossa assinatura. Foi erro da revisão. Queriam considerar assinado).

Virgílio Torricelli

O Prefeito e o DAE

O prefeito Ibis Cruz, a quem o povo já qualificou como o "faixa preta" da prosopopeia, anunciou, faz dias, através de um papelucho colorido que custou 97 mil cruzeiros aos contribuintes do erário, que o progresso em nossa terra se expande de minuto a minuto.

É de evidência que não há necessidade de se adotar a heurística como método analítico da verdade, já que os fatos denunciam a olhos largos precisamente o avesso do ridículo pregão que inculca no espírito dos munícipes.

Assoberbando uma população paupérrima - na sua grande maioria - com sufocantes encar-

gos tributários, logrou capitalizar aquilo que chamou quixotesca-mente de "terceira receita orçamentária do Estado".

Sedição é dizer que ninguém lhe deu crédito, já que, o patético palavreado propagandístico não foi levado a sério, servindo até, para muitos, de piada divertida.

Mas logrou, sem dúvida, uma arrecadação, que, se escrupulosamente aplicada, teria contribuído para um desenvolvimento no setor das obras públicas, capaz de fazer inveja aos mais progressistas municípios do país.

Entretanto, o que é que constatamos?

Ruas esburacadas, sujas e malcheirosas. Guias rebaixadas conferindo privilégios odiosos. Calçadas completamente destruídas pela falta de fiscalização. Postes grosseiros, aos milhares, atravessando os passeios, se assim se os pôde chamar. Jardins ressequidos pela falta de assistência. O Guapeva é um esgoto a céu aberto em pleno centro da cidade. No S. Vicente, pudemos ver mais de cem pacientes sendo atendidos num só dia por um único oftalmologista (o que vale por uma assertiva de que saíram mais cegos de que entraram). Nos bairros é carente a infra-estrutura, isso porque por lá não existe nem água, nem luz, nem esgoto, nem

saneamento e nem nada.

Eis Jundiá hodierno a quem o espírito galhofeiro de um gozador chamou de JUNDIAÇÃO.

E o sr. Ibis Cruz em que é que está pensando? — Em transportar a contribuição metalizada do trabalhador suburbano para a Serra do Japi, cujos áridos contrafortes não apresentam um mínimo de condição ao turismo apregoado, que outra coisa não é senão uma cortina de fumaça para a valorização de charnecas desertas e preteridas para todos os usos; em subtrair dos cofres municipais quatrocentos e muitos mais milhares de cruzeiros para a anunciada pago-

deira carnavalesca, num absurdo pressuposto de que dando circo ao povo estará amenizando a antipatia que teve o prodígio de armazenar nestes três anos de péssimo governo.

Mas, voltando àquele citado suplemento colorido onde se lê uma apoteótica exaltação ao DAE, pelos exuberantes "serviços" que vem apresentando à população, apesar de o vulgo não os ver nem constatar;

Faz mais de noventa dias que o prefeito anunciou através de um apêndice em certo jornal da terra, "o fim da falta d'água", envolvendo na basófia o jargão de que havia tra-

zido "um novo rio" até esta cidade.

Empós essa data, (6/9), múltiplas foram as vezes que tanto o DAE como o chefe do executivo gastaram o suado dinheiro do povo para dizerem que **por isto ou aquilo, está faltando água aqui e ali.**

Há que se aduzir, sem dúvida, a essas declarações temerárias, uma pergunta jocosa, qual seja, se o tal rio já secou, isso porque, como se sabe, falta água em todos os quadrantes do município, ocorrência que retrata, a um só tempo, o prefeito e o DAE.

Elcio Vargas

ZONA FRANCA

O leitor escreve, comenta e opina

Dr. Jayme Cintra

Tenho vaga lembrança de quando mudamo-nos para Jundiaí.

Moravamos na rua Jacinto Borges, que é agora com muita justiça a Rua Secundino Veiga. Em 1926 mudamos para a Rua Rangel Pestana, num prédio assobradado recém construído, cujos terrenos vizinhos eram vazios, porém haviam vários moradores em frente, todos conhecidos e apreciados e especialmente um que é a razão deste artigo. Tinha eu apenas 5 anos e no entanto gravei na memória os hábitos de um cidadão que habitava a casa à nossa frente a direita. Sempre à mesma hora chegava um carro grande, e simultaneamente saía um cavalheiro de aspecto senhoril que apesar de minha tenra idade, sempre me causava admiração. Em 1929 mudamos, e por alguns anos não tive oportunidade de ver este cidadão. Estudante então, no Colégio São Bento, em 1937, os alunos internos saíam em determinados domingos, com uma mesada suficiente para no

máximo um cinema e um lanche frugal e que para tal frequentávamos a "Leiteria Pereira" cujos preços eram modestos. Geralmente deparrava com o cavalheiro que conheci aos 5 anos de idade, acompanhado de sua filha frequentando o mesmo ambiente. Sempre eu dizia aos meus colegas que estávamos em presença do Inspetor Geral da Cia. Paulista de Estrada de Ferro. Temerosos guém duvidava pois sua personalidade era de marcante distinção e figura, retratando seu alto valor em qualquer ambiente. Quando estudante na Escola Politécnica de São Paulo, fizemos uma excursão às cidades servidas pela Cia. Paulista de Estrada de Ferro, temerosos os dirigentes de que fosse dispensado o mesmo tratamento que recebíamos em outras estradas de ferro, foram aos escritórios da Cia. em São Paulo a fim de pedir que reservassem lugares correspondendo ao número de pessoas constantes no passe da Reitoria da Universidade. O secretário do Dr. Jayme

sabendo o roteiro, simplesmente comunicou o horário dos trens e pediu para avisar com um dia de antecedência o trem escolhido. Ao chegarmos à Estação da Luz, tivemos a grata satisfação de ter a nossa disposição uma vagão de luxo, e fomos em todo o decorrer da excursão, hóspedes da Cia. Paulista, cedendo-nos em algumas cidades, onde não havia acomodações, carros dormitórios para pernoitarmos. Como ex-aluno da Escola Politécnica tratava seus futuros colegas com a distinção que lhe era natural. Seus hábitos eram absolutamente simples, pois costumava andar pelas ruas da cidade aos domingos à tarde, geralmente só, e às vezes em companhia de sua filha, sentindo eu uma vaidade especial de receber sempre seu cumprimento, precedido pelo meu sobrenome. Enfrentando as dificuldades financeiras que atingiram todo o sistema ferroviário brasileiro na década de 1950, já com mais de 60 anos de idade, sofrendo

injustiças e inverdades forjadas por políticos e por alguns de seus comandados, que não desconheciam o fato dele abrir mão de seus merecidos proventos, e com isso, passar sérias dificuldades financeiras. Assistiu com desgosto a encampação da empresa pelo governo do Estado, sendo simplesmente destituído do cargo sem qualquer possibilidade de subsistência, sucedendo precisamente a quem sempre manteve na empresa um serviço exemplar e pioneiro de aposentadoria e pensões, servindo de orientação a implantação da atual previdência social. Adoentado, e desgostoso, Dr. Cintra faleceu em maio de 1962. Ao passar por onde morava e ser informado que havia falecido repentinamente, não tive coragem de entrar, pois como outros meus concidadãos, nada fiz para amenizar as dificuldades enfrentadas por ele. Seu nome consta no Livro do "Mérito Nacional" entre somente 20 concidadãos brasileiros que tiveram merecimentos; Jundiaí, também o

reverenciou, dando nome a uma rua que nem consta na lista telefonica de endereços.

Dados biográficos: O engenheiro Jayme Pinheiro de Ulhoa Cintra nasceu em Campinas a 1º de maio de 1886. Formou-se engenheiro civil na Escola Politécnica de São Paulo em 1908, começando a trabalhar logo em seguida nas oficinas de Jundiaí da Cia. Paulista, como engenheiro praticante, orientado sempre pelo saudoso engenheiro Francisco Monlevde. Ocupou cargos de responsabilidades crescentes, sempre com igual brilhantismo, chegando a Diretor Presidente em 1950.

Deus providenciou que ocorresse com o Dr. Jayme Cintra o último desejo de Scipião, o Africano, fazendo que não tivéssemos a honra de ter seus restos mortais, pois foi sepultado em São Paulo.

Adolpho João Traldi

CONCERTOS 1
DE
TV, RÁDIOS
E TAPES
ELETRÔNICA
ANZOLIN

rua marechal, 533
telefone: 6-7683

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO

ROSÁRIO, 523 - FONE 6-3795

Escritório
de
Advocacia

dr. ademercio
lourenção

dr. alcimar a.
de almeida

dr. francisco
v. rossi

RUA SIQUEIRA DE
MORAES, 578, 1º ANDAR
EDIFÍCIO MARIJU

MUDANÇA?

IRMAOS VIEIRA

TRANSPORTAM MELHOR

1000 100
FONES: 4-0229 - 6-5086

NOVIDADES/
Charme
CALÇADOS/
ROSÁRIO, 626

causas cíveis
e criminais

DRs.

• LAERTE DE FRANÇA
SILVEIRA RIBEIRO

• MARIO PEREIRA LOPES

barão, 1041, 29 a.
fone: 4-3566

BENEFICENTE DE OFICIAIS DO EXERCITO
GROZ
GRÊMIO REPRESENTANTE LOCAL
TENENTE ARAUJO
RUA PIRAPORA 410-VIANELO

ADVOCACIA

Dr. André Benassi
Dr. Randal J. Garcia

ESCRITÓRIO

RUA BARÃO, 873
TELEFONE: 4-3899

JUNDIAÍ-SP

NATAL
COLORIDO
SILVATEX
BARÃO, 919
TELEFONE
6-7178

JUNDI HOBBIES
BRINQUEDOS
PEÇAS E DECORAÇÃO
TUDO PARA
PINTURA
E DESENHO
ROSÁRIO, 560
fone, 4-3187



Entre a felicidade
de possuir um Chevrolet e o
ótimo atendimento Luchini,
fique com os dois. Luchini

R. BARÃO DE TEFTE, 700 - FONES 4-0277 E 6-1277
R. VIGÁRIO J.J. RODRIGUES, 992 - FONES 6-6421 E 4-3165

STUDIO DECIO

JUNDIAI CLINICAS



LOCAIS DE ATENDIMENTO

UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242

Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE ANCHIETA

Rua Padre Anchieta, 476

Fone: 4-2454

UNIDADE RANGEL

Rua Rangel Pestana, 222

Fone: 4-1001

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372

Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495

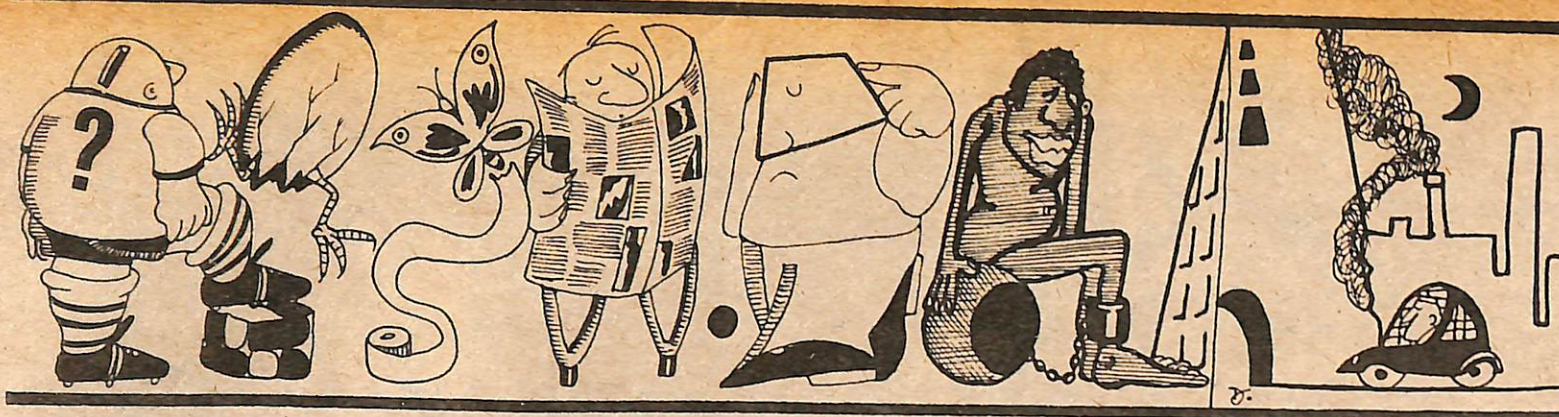
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL

SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n. — J. Messina

Fone: 4-1666



As almas do negócio

Os últimos acontecimentos, e até mesmo a falta deles, nos conduzem inevitavelmente às seguintes conclusões:

Se o futebol é uma caixinha de surpresas, não é menos verdade que a surpresa maior pode ser a falta de uma caixinha de futebol. Daí talvez a inusitada revelação que um gol de Zico pode abalar os cofres públicos.

A julgar pelos debates do último congresso nacional de publicitários que se realizou em São Paulo, a 4 mil cruzeiros por cabeça, não resta a menor dúvida que a alma da propaganda é o negócio.

Numa entrevista com o médium Chico Xavier publicada na revista "Fatos e Fotos-Gente" o repórter pergunta ao referido senhor: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?". Se é verdade que o meio é a mensagem, prefira "Papillon", aquele do anúncio da tevê.

Pelo que se tem lido em alguns jornais próximos, as notícias, que antes aconteciam na rua agora se mudaram para dentro da Redação, e só acontecem lá. A continuar nesse passo, cada acontecimento terá que editar seu próprio jornal.

Num domingo destes, surpreendentemente, um conjunto relesado dança folclórica de origem portuguesa, estava se exibindo na praça Marechal Floriano, atrás da

Igreja. Soube-se que o excelente conjunto, vindo do Guarujá, estava lá numa promoção da Secretaria de Educação, Esportes e Turismo do município. Pouco mais de uma centena de pessoas, na maioria transeuntes mortos de curiosidade, juntou-se em volta do

tablado para assistir à exibição do conjunto. Na falta de maiores explicações, o pessoal se divertiu mesmo sem atinar muito com o significado da coisa. Da próxima vez que a zelosa Secretaria promover algum acontecimento cultural e pretender mantê-lo em

sigilo, como fez com este, seria de todo conveniente que o colocasse em um recinto fechado, com uma advertência: "é proibida a entrada de pessoas estranhas ao serviço".

Depois dos malabarismos de trânsito

executados com raro brilhantismo na avenida Jundiá, praça da Bandeira e adjacências, os ténicos que os planejam devem estar absolutamente convencidos que a distância mais curta entre dois pontos é o trapézio. Por

enquanto, salvo mudanças litúrgicas ou teológicas, quem sabe escrever certo é Deus. O Ciretran (ou Contran?) fica só com as linhas tortas.

Toni, o fugitivo angolano, saiu de sua terra a bordo do frágil Alcatraz e ficou à deriva em alto mar procurando a liberdade. Trouxe com ele dois pretos angolanos que, aportando em Salvador, contaram que foram enganados por Toni e queriam voltar para sua terra. Ou seja: Toni, o amante da liberdade, trouxe na marra dois empregados angolanos e pretos. A liberdade que Toni está procurando deve ser aquela avenida que Salazar construiu em Lisboa e que por mais de 30 anos só serviu para os automóveis.

O maior acontecimento cultural do ano parece ter sido a simbólica pirâmide social que o escritor Jorge Andrade plantou no tal edifício Paraíso, da novela "O Grito". Não se fala em outra coisa. Na agitada polêmica que envolve a novela, entre protestos de apróbio da paulistidade abalada e as lóas encantadas dos defensores da sua pretensa profundidade, não há vencedores. Não há quem consiga melhorar nem São Paulo nem esse texto de Jorge Andrade. Ambos são irrecuperáveis.

Sandro Vaia

EXODUS



O milharal tinha sido colhido, o milho carreado, o palol quase cheio. O gado foi solto na palhada, roendo a tiguera. Pouco milho, colheita fraca, rastolhada da ruim terra cansada. Nada se conhecia do milho híbrido, adubo só de curral e malemá. Taí, o fim da esperança, no ano que vem será melhor. A esperança. Deus. Os olhos no céu, o caboclo e sua frase por demais conhecida:

— Deus é um home muito bão...

Naquele ano o feijão já veio carunchado da roça. O arroz sofrera um veranico grande e deu mais palha que grão. Ano de crise, preço baixo. Pro homem da roça na hora de vender sempre há crise. Na roça produzia-se pouco de um tudo. Café, açúcar mascavo, feijão, arroz, carne, frango, ovos. Carecia dinheiro prá comprar roupas, botinas e sal. Só. Mas o dinheiro não tava dando nem pra isso. Farinha, cangica, café, arroz, tudo socado no pilão, três mãos de pilão. Trabalhadeira de matar, dinheiro néca. A criança espigando e na escola isolada só dois anos, vara de mar-melo e palmatoria. Um b cum a bá, um b cum é bé... ba bé bi bo bu. Dois mais um treis, cabô a

escola. Era de "aperposito" diziam os velhos. É pra ninguém poder ir simhora. Os almanaques eram janelas abertas para o mundo. Bendito Capivarol, Biotonico. Mais esperança. Almanques. Já naqueles tempos falava-se em "exodo rural". Onde já se viu quererem vir pra cidade? Nunca faltaram sabichões explicando o que até hoje é meio misterio. "Exodo rural".

Num dia em que o coisa ruim andava à solta, um vendaval derrubou o telheiro da tiração do leite. Hoje dizem que se chama estábulo. Pois é, calu. Intelro, amontoou; que nem o Centro Social Rural de Jundiá. Nem uma telha inteira. Cacos,

montão. Sorte que estava vazio. Meu pai quis fazer um telheiro na medida. Procurou o Dito carreiro, carapina de fazer gosto, bom prá fazer carros, charretes e um mundo de coisas. O Dito velo, mais meu pai e começaram outro telheiro. Com tesouras, e telhas novas, madeira lavrada à machado e enchô. Meu pai ficou entendendo de terças, pendural, frechal, mão franceza, cumelra e toda aquela traquitana.

Gostou do serviço e foi trabalhar de aprendiz do Dito. Sem ganhar tostão nenhum. Quando estava manejando o enchô, a goiva, a garlopa que nem gente, resolveu levar a família pra cidade.

Escola de verdade pros piás, chega de escravidão, terra ingrata. Lágrimas correndo. Deixar o chão. Deixar de ser escravo da roça pra ser escravo da cidade. Trocou uma escravidão por outra, com escolas. Habitantes da periferia, água de poço, um poço e uma fossa lado a lado. Casa ruim, casiquita. De grande só a saudade da roça.

O tempo passou, a molecada cresceu. Formaram-se. Começa agora o exodo inverso; os saudosistas, burgueses abastados e intelectualizados estão abandonando as cidades e voltando para a roça, chacaras ou sítios. E a cidade está se deteriorando, pelo mau uso do bem publico. Na política também. Os cargos são ocupados por aventureiros por que os homens validos não tem coragem de enfrentar o eleitorado. Ou então fazem suas contas e chegam a conclusão de que não compensa.

Somos todos caboclos já arrumando a matula pra mudar da cidade. E este o jeito. Vamos dar a cidade de presente aos administradores. Agora, antes que o telheiro desabe em cima da cachola.

O Bartimeu

FOTOCOPIADORA MALTONI



nós temos o melhor serviço de xerox da cidade.

rosário, 618 -fone: 6.8460

SUPERMERCADO ELIAS

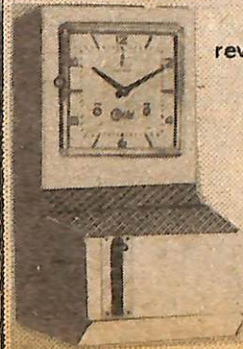


ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4.1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL



revendedor autorizado em Jundiá:

COMERCIAL

PANIZZA LTDA.

BARÃO-427 FONE: 6-8231

DOCEIRA JUNDIAÍ

DISTRIBUIDORA DE doces

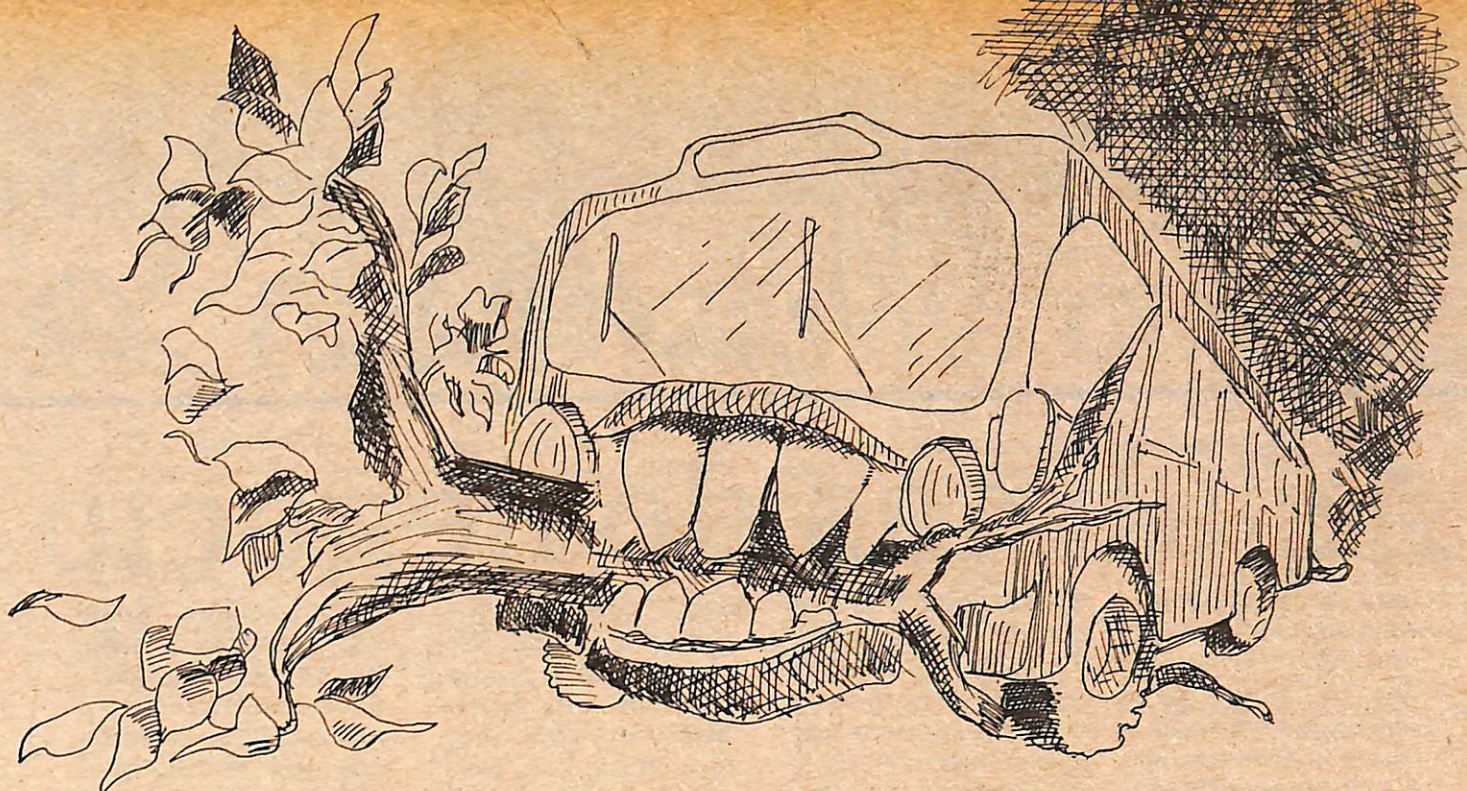
balas

chocolates

DE TODAS AS MARCAS

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA NA REGIAO DO PANETONE 900
RUA DR. TORRES NEVES, 292... 6.7400
O TELEFONE DOCE DA CIDADE

Protesto



na praça

Noite de sexta-feira, cerca de 19 horas. Estou recomeçando (pela terceira vez) um artigo onde quero censurar a falta de representatividade e liderança dos homens públicos de Jundiaí, ligando isto à notória e irritante indiferença do Governo do Estado em relação aos muitos problemas que afetam esta cidade — e cuja solução lhe pertence —, mormente no setor rodoviário.

Tenho sobre a mesa um dos últimos escritos do **Bartimeu** ("O Finado", edição de 10 a 16/11/75), onde ele critica esse mesmo aspecto da nossa realidade, e ali busco subsídios para o meu artigo. Vejo que ele se refere ao problema das passagens sobre a Via Anhanquera, atendo-se, mais especificamente, à do Retiro e ao viaduto do Bairro de Santo Antonio, que já há quinze anos fazem-se esperadas pelos moradores e operários das indústrias daquela região, enquanto outros municípios próximos vão tendo seus trevos construídos. (Na mesma situação permanecem os moradores dos nossos bairros de Vila Rami e Vila Maringá, cujas mortes no asfalto igualmente tem alimentado o noticiário policial da imprensa diária).

Mas quero me referir, também, à nossa marginalização no sistema de transporte rodoviário, à impossibilidade de nossos milhares de trabalhadores com famílias no interior irem visitá-las servindo-se das linhas de ônibus, visto que as concessionárias não dão conta da existência de nossa cidade. Ou será que são nossas "forças vivas" se esquecem de provar ao D.E.R. que existimos, preocupados que

estão com a disputa das duas empresas locais pela linha direta até Santos?

Ao tocar neste assunto, me lembro que ele já chegou a ser abordado num dos primeiros artigos publicados aqui no J. 2º pelo colega Dr. Wolf. Então me levanto para ir apanhar um exemplar dessa publicação, a fim de nela também basear meu artigo.

Já estou a caminho do arquivo quando me invadem a sala dois rapazes bastante excitados. Um deles vai me perguntando:

— Vocês já têm conhecimento do que estão fazendo com as árvores da Praça da Bandeira?

Sem me dar chance de resposta (eu praticamente adivinhava), o outro foi dizendo:

— Estão arrancando todas as árvores e com uma rapidez incrível. Derrubam e já carregam para um caminhão, como querendo terminar antes que o povo dê pela coisa!

Desci com eles até a praça para me certificar da coisa, embora nenhuma dúvida me ocorria quanto à veracidade do relato. Antes tentei ligar para o nosso fotógrafo para ver se ele podia nos acompanhar. Infelizmente, não consegui a ligação.

A derrubada das árvores era feita com vistas à ampliação da rodoviária. E a pressa com que os encarregados trabalhavam dava mesmo a impressão de que tinham ordem para terminar o mais urgente possível, a fim de não despertar a curiosidade de muita gente nem dar tempo

de ninguém protestar. Por isso mesmo é que deveriam ter escolhido aquele horário.

Mas a devastação não passou sem protesto. Um passageiro que esperava seu ônibus para São Paulo não se conteve:

— Isto é um descalabro! Em Curitiba, tive ocasião de ver, um cidadão foi multado em 700 cruzeiros só porque cortou um galho de árvore que pendia sobre sua propriedade. Não entendo como aqui a própria Prefeitura manda fazer uma devastação dessas. E para quê? Para aumentar este pardieiro que chamam de rodoviária? É um absurdo! Não é à toa que todos metem o pau no prefeito daqui...

O fato que presenciei na Praça da Bandeira me deixou totalmente bloqueado, não sendo possível mais terminar o artigo que estava escrevendo. Por via das dúvidas, como não ia mesmo dar pra sair na edição daquela semana, pois o material já estava em Sorocaba, escrevi este aqui.

Celso F. de Paula

Nem as ruas já calçadas com macadame escaparão ao preço do asfalto!

De acordo com informações oficialmente prestadas à Câmara na última semana, será de Cr\$ 42,80 por metro quadrado o preço do asfalto que agora está sendo aplicado sobre o macadame de algumas ruas próximas ao centro da cidade.

Face à dúvida surgida ao início dessa pavimentação — se também os moradores do centro teriam que pagar pelo asfalto, quando já possuem ruas pavimentadas —, o vereador José Rivelli apresentou um requerimento indagando ao prefeito qual seria o custo desses serviços. Em resposta, o chefe do Executivo enviou um ofício à Câmara informando que os mesmos serão cobrados, "de acordo com o preço da concorrência" (a mesma do sistema viário!), à razão de Cr\$ 42,80 o m². Sobre esse preço, acrescenta o ofício, "é aplicado o reajuste contratual R = 0,9 (C1/Co - 1), onde Co é o índice de preços de pavimentação de janeiro de 1974 (247,31) e C1 é o índice de preços de pavimentação relativo ao mês em que foram executados os serviços". E, exemplificando, o próprio prefeito demonstra que o índice de reajuste em agosto deste ano já era de 70,18%, depreendendo-se, pois, que o metro quadrado dos serviços de regularização e capeamento asfáltico de ruas de paralelepípedos, era da ordem de Cr\$ 72,00.



Não cobramos nenhuma taxa dos candidatos

Mantemos sigilo absoluto

Vagas para os seguintes Departamentos:

SECRETARIAL ADMINISTRATIVO

VENDAS E MARKETING

TÉCNICO INDUSTRIAL

Horário: das 8:00 às 18:00 h

Sábados: das 8:00 às 12:00 h

Não fechamos para almoço

Rua Engenheiro Monlevade, 682 - Fone: 6-5987

JUNDIAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO

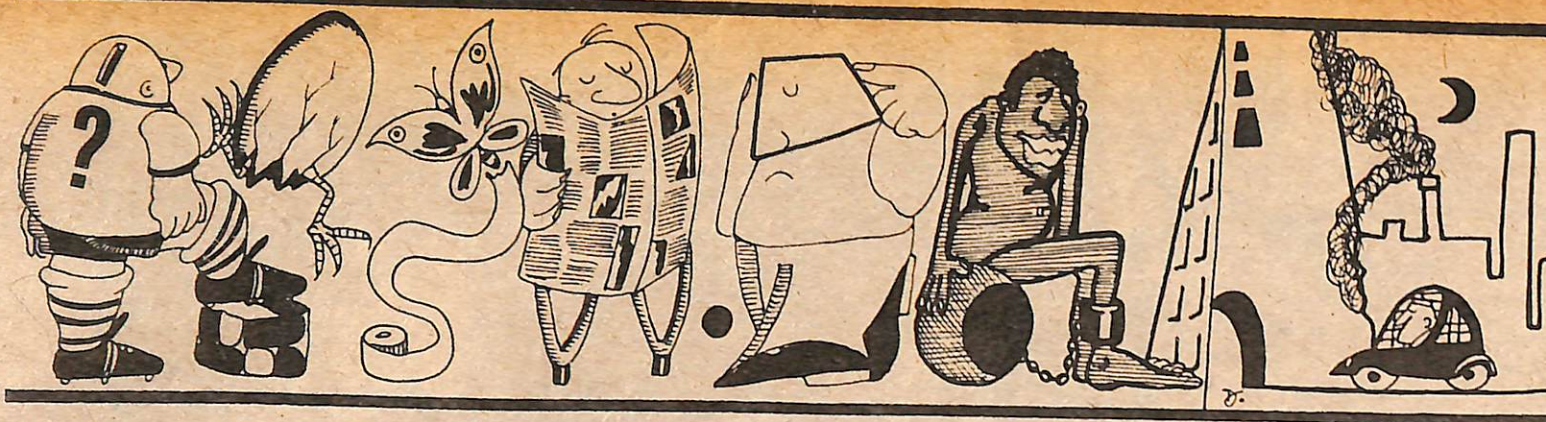


R. BANDEIRANTES 157 - FONE: 6-8456

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR
ZETISERVE

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAÍ
LÁ VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGÍTIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO **CHICKEN-IN**

avenida antonio segre. 504



Os últimos acontecimentos, e até mesmo a falta deles, nos conduzem inevitavelmente às seguintes conclusões:

Se o futebol é uma caixinha de surpresas, não é menos verdade que a surpresa maior pode ser a falta de uma caixinha de futebol. Daí talvez a inusitada revelação que um gol de Zico pode abalar os cofres públicos.

A julgar pelos debates do último congresso nacional de publicitários que se realizou em São Paulo, a 4 mil cruzeiros por cabeça, não resta a menor dúvida que a alma da propaganda é o negócio.

Numa entrevista com o médium Chico Xavier publicada na revista "Fatos e Fotos-Gente" o repórter pergunta ao referido senhor: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?". Se é verdade que o meio é a mensagem, prefira "Papillon", aquele do anúncio da tevê.

Pelo que se tem lido em alguns jornais próximos, as notícias, que antes aconteciam na rua agora se mudaram para dentro da Redação, e só acontecem lá. A continuar nesse passo, cada acontecimento terá que editar seu próprio jornal.

Num domingo destes, surpreendentemente, um conjunto **reisado** dança folclórica de origem portuguesa, estava se exibindo na praça Marechal Floriano, atrás da

As almas do negócio

Igreja. Soube-se que o excelente conjunto, vindo do Guarujá, estava lá numa promoção da Secretaria de Educação, Esportes e Turismo do município. Pouco mais de uma centena de pessoas, na maioria transeuntes mortos de curiosidade, juntou-se em volta do

tablado para assistir à exibição do conjunto. Na falta de maiores explicações, o pessoal se divertiu mesmo sem atinar muito com o significado da coisa. Da próxima vez que a zelosa Secretaria promover algum acontecimento cultural e pretender mantê-lo em

sigilo, como fez com este, seria de todo conveniente que o colocasse em um recinto fechado, com uma advertência: "é proibida a entrada de pessoas estranhas ao serviço".

Depois dos malabarismos de trânsito

executados com raro brilhantismo na avenida Jundiá, praça da Bandeira e adjacências, os técnicos que os planejam devem estar absolutamente convencidos que a distância mais curta entre dois pontos é o trapézio. Por

enquanto, salvo mudanças litúrgicas ou teológicas, quem sabe escrever certo é Deus. O Ciretran (ou Contran?) fica só com as linhas tortas.

Toni, o fugitivo angolano, saiu de sua terra a bordo do frágil Alcatraz e ficou à deriva em alto mar procurando a liberdade. Trouxe com ele dois pretos angolanos que, aportando em Salvador, contaram que foram enganados por Toni e queriam voltar para sua terra. Ou seja: Toni, o amante da liberdade, trouxe na marra dois empregados angolanos e pretos. A liberdade que Toni está procurando deve ser aquela avenida que Salazar construiu em Lisboa e que por mais de 30 anos só serviu para os automóveis.

O maior acontecimento cultural do ano parece ter sido a simbólica pirâmide social que o escritor Jorge Andrade plantou no tal edifício Paraíso, da novela "O Grito". Não se fala em outra coisa. Na agitada polêmica que envolve a novela, entre protestos de apróbio da paulistanidade abalada e as lóas encantadas dos defensores da sua pretensa profundidade, não há vencedores. Não há quem consiga melhorar nem São Paulo nem esse texto de Jorge Andrade. Ambos são irrecuperáveis.

Sandro Vaia

EXODUS



O milharal tinha sido colhido, o milho carreado, o palol quase cheio. O gado foi solto na palhada, roendo a tigüera. Pouco milho, colheita fraca, rastolhada da ruim terra cansada. Nada se conhecia do milho híbrido, adubo só de curral e malemá. Taí, o fim da esperança, no ano que vem será melhor. A esperança. Deus. Os olhos no céu, o caboclo e sua frase por demais conhecida:

— Deus é um home muito bão...

Naquele ano o feijão já veio carunchado da roça. O arroz sofrera um veranico grande e deu mais palha que grão. Ano de crise, preço baixo. Pro homem da roça na hora de vender sempre há crise. Na roça produziam-se pouco de um tudo. Café, açúcar mascavo, feijão, arroz, carne, frango, ovos. Carecia dinheiro prá comprar roupas, botinas e sal. Só. Mas o dinheiro não tava dando nem pra isso. Farinha, cangica, café, arroz, tudo socado no pilão, treis mãos de pilão. Trabalhadora de matar, dinheiro néca. A criança espigando e na escola isolada só dois anos, vara de marmelo e palmatoria. Um b cum a bá, um b cum é bé... ba bé bi bo bu. Dois mais um treis, cabô a

escola. Era de "aperposito" diziam os velhos. E pra ninguém poder ir simbora. Os almanques eram janelas abertas para o mundo. Bendito Capivarol, Biotônico. Mais esperança. Almanques. Ja naqueles tempos falava-se em "exodo rural". Onde já se viu quererem vir pra cidade? Nunca faltaram sabichões explicando o que até hoje é melo misterio. "Exodo rural".

Num dia em que o coisa ruim andava à solta, um vendaval derrubou o telheiro da tração do leite. Hoje dizem que se chama estábulo. Pois é, caiu. Inteiro, amontoou; que nem o Centro Social Rural de Jundiá. Nem uma telha inteira. Cacos,

montão. Sorte que estava vazio. Meu pai quis fazer um telheiro na medida. Procurou o Dito carreiro, carapina de fazer gosto, bom prá fazer carros, charretes e um mundo de coisas. O Dito veio, mais meu pai e começaram outro telheiro. Com tesouras, e telhas novas, madeira lavrada à machado e enchô. Meu pai ficou entendendo de terças, pendural, frechal, mão franceza, cumeelra e toda aquela traquitana.

Gostou do serviço e foi trabalhar de aprendiz do Dito. Sem ganhar tostão nenhum. Quando estava manejando o enchô, a goiva, a garlopa que nem gente, resolveu levar a família pra cidade.

O Bartimeu

FOTOCOPIADORA MALTONI



nós temos o melhor serviço de xerox da cidade.

rosário, 618 - tone: 6-8460

SUPERMERCADO ELIAS

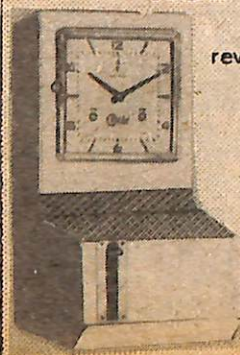


ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL



revendedor autorizado em Jundiá:

COMERCIAL

PANIZZA LTDA.

BARÃO-427 FONE: 6-8231

DOCEIRA JUNDIAÍ



DISTRIBUIDORA DE:
doce

balas

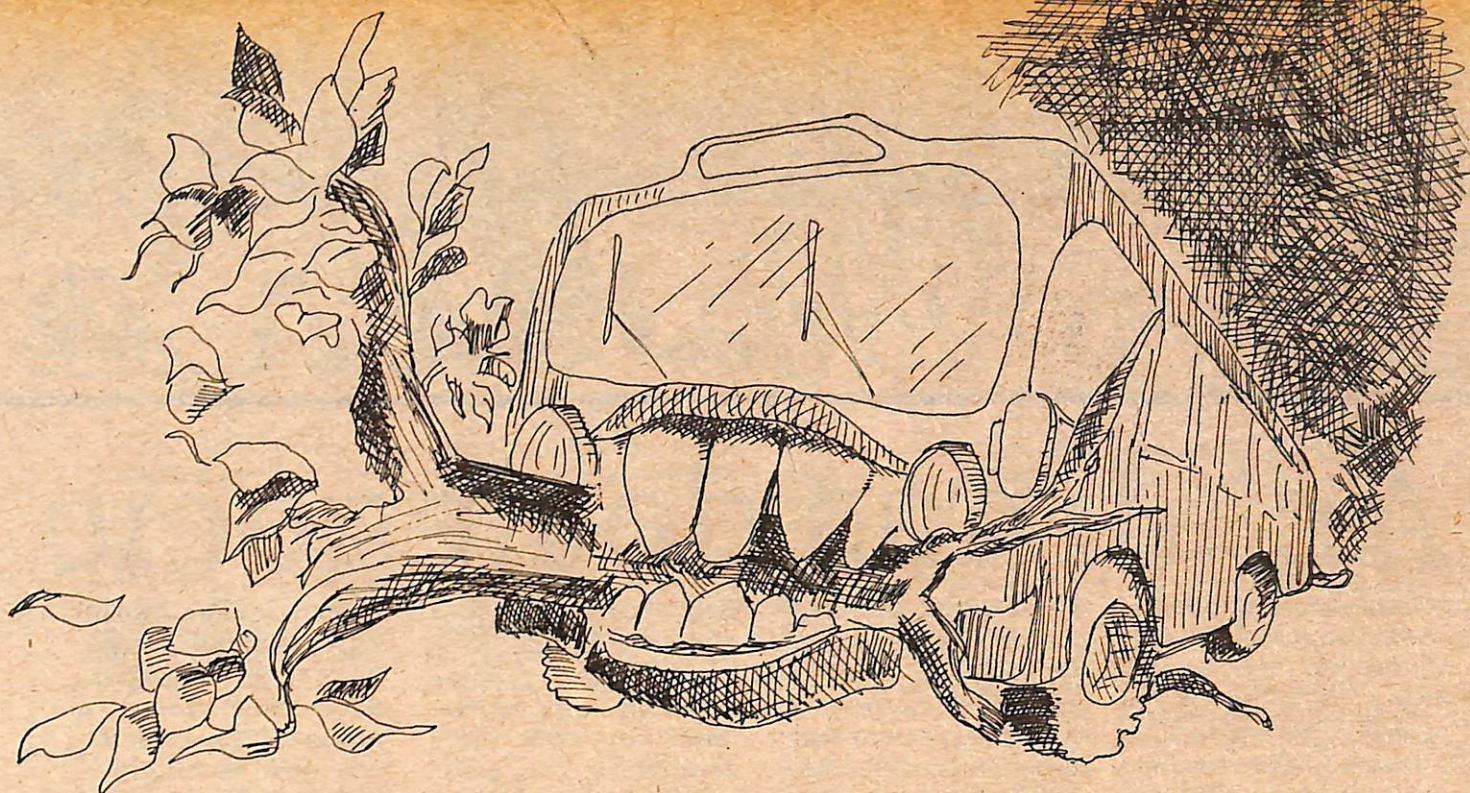
chocolates

DE TODAS AS MARCAS

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA NA REGIÃO DO
PANETONE 900
RUA DR. TORRES NEVES, 292... 6.7400
O TELEFONE DOCE DA CIDADE

Protesto

na praça



Noite de sexta-feira, cerca de 19 horas. Estou recomeçando (pela terceira vez) um artigo onde quero censurar a falta de representatividade e liderança dos homens públicos de Jundiaí, ligando isto à notória e irritante indiferença do Governo do Estado em relação aos muitos problemas que afetam esta cidade — e cuja solução lhe pertence —, mormente no setor rodoviário.

Tenho sobre a mesa um dos últimos escritos do **Bartimeu** ("O Finado", edição de 10 a 16/11/75), onde ele critica esse mesmo aspecto da nossa realidade, e ali busco subsídios para o meu artigo. Vejo que ele se refere ao problema das passagens sobre a Via Anhanquera, atendo-se, mais especificamente, à do Retiro e ao viaduto do Bairro de Santo Antonio, que já há quinze anos fazem-se esperadas pelos moradores e operários das indústrias daquela região, enquanto outros municípios próximos vão tendo seus trevos construídos. (Na mesma situação permanecem os moradores dos nossos bairros de Vila Rami e Vila Maringá, cujas mortes no asfalto igualmente tem alimentado o noticiário policial da imprensa diária).

Mas quero me referir, também, à nossa marginalização no sistema de transporte rodoviário, à impossibilidade de nossos milhares de trabalhadores com famílias no interior irem visitá-las servindo-se das linhas de ônibus, visto que as concessionárias não dão conta da existência de nossa cidade. Ou será que são nossas "forças vivas" se esquecem de provar ao D.E.R. que existimos, preocupados que

estão com a disputa das duas empresas locais pela linha direta até Santos?

Ao tocar neste assunto, me lembro que ele já chegou a ser abordado num dos primeiros artigos publicados aqui no J. 2º pelo colega Dr. Wolf. Então me levanto para ir apanhar um exemplar dessa publicação, a fim de nela também basear meu artigo.

Já estou a caminho do arquivo quando me invadem a sala dois rapazes bastante excitados. Um deles vai me perguntando:

— Vocês já têm conhecimento do que estão fazendo com as árvores da Praça da Bandeira?

Sem me dar chance de resposta (eu praticamente adivinhava), o outro foi dizendo:

— Estão arrancando todas as árvores e com uma rapidez incrível. Derrubam e já carregam para um caminhão, como querendo terminar antes que o povo dê pela coisa!

Desci com eles até a praça para me certificar da coisa, embora nenhuma dúvida me ocorria quanto à veracidade do relato. Antes tentei ligar para o nosso fotógrafo para ver se ele podia nos acompanhar. Infelizmente, não consegui a ligação.

A derrubada das árvores era feita com vistas à ampliação da rodoviária. E a pressa com que os encarregados trabalhavam dava mesmo a impressão de que tinham ordem para terminar o mais urgente possível, a fim de não despertar a curiosidade de muita gente nem dar tempo

de ninguém protestar. Por isso mesmo é que deveriam ter escolhido aquele horário.

Mas a devastação não passou sem protesto. Um passageiro que esperava seu ônibus para São Paulo não se conteve:

— Isto é um descalabro! Em Curitiba, tive ocasião de ver, um cidadão foi multado em 700 cruzeiros só porque cortou um galho de árvore que pendia sobre sua propriedade. Não entendo como aqui a própria Prefeitura manda fazer uma devastação dessas. E para quê? Para aumentar este par-dieiro que chamam de rodoviária? É um absurdo! Não é à toa que todos metem o pau no prefeito daqui...

O fato que presenciei na Praça da Bandeira me deixou totalmente bloqueado, não sendo possível mais terminar o artigo que estava escrevendo. Por via das dúvidas, como não ia mesmo dar pra sair na edição daquela semana, pois o material já estava em Sorocaba, escrevi este aqui.

Celso F. de Paula

Nem as ruas já calçadas com macadame escaparão ao preço do asfalto!

De acordo com informações oficialmente prestadas à Câmara na última semana, será de Cr\$ 42,80 por metro quadrado o preço do asfalto que agora está sendo aplicado sobre o macadame de algumas ruas próximas ao centro da cidade.

Face à dúvida surgida ao início dessa pavimentação — se também os moradores do centro teriam que pagar pelo asfalto, quando já possuem ruas pavimentadas —, o vereador José Riveili apresentou um requerimento indagando ao prefeito qual seria o custo desses serviços. Em resposta, o chefe do Executivo enviou um ofício à Câmara informando que os mesmos serão cobrados, "de acordo com o preço da concorrência" (a mesma do sistema viário!), à razão de Cr\$ 42,80 o m2. Sobre esse preço, acrescenta o ofício, "é aplicado o reajuste contratual $R = 0,9 (CI/Co - 1)$, onde Co é o índice de preços de pavimentação de janeiro de 1974 (247,31) e CI é o índice de preços de pavimentação relativo ao mês em que foram executados os serviços". E, exemplificando, o próprio prefeito demonstra que o índice de reajuste em agosto deste ano já era de 70,18%, depreendendo-se, pois, que o metro quadrado dos serviços de regularização e capeamento asfáltico de ruas de paralelepípedos, era da ordem de Cr\$ 72,00.



Não cobramos nenhuma taxa dos candidatos

Mantemos sigilo absoluto

Vagas para os seguintes Departamentos:

SECRETARIAL ADMINISTRATIVO

VENDAS E MARKETING

TÉCNICO INDUSTRIAL

Horário: das 8:00 às 18:00 h

Sábados: das 8:00 às 12:00 h

Não fechamos para almoço

Rua Engenheiro Monlevade, 682 - Fone: 6-5987

JUNDIAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO



AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR
ZETISERVE

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAÍ
LÁ VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGÍTIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO **CHICKEN-IN**



avenida antonio segre, 504

Plantão

O I Seminário Paulista de Administração Penitenciária, realizado durante a semana passada, em São Paulo (promoção do Instituto Oscar Freire, em colaboração com a Secretaria da Justiça), trouxe uma substancial contribuição aos estudiosos do assunto.

Uma das principais razões desse êxito teve um fato principal: os expositores do I Seminário foram homens com vivência no setor carcerário, muitos deles sendo, atualmente, diretores de estabelecimentos penais.

Verificou-se nessa importante troca de idéias, por exemplo, que os funcionários subalternos dos presídios (que são justamente aqueles que mantêm contato mais direto com os presos) são de baixíssimo nível cultural. Isso acontece em razão dos baixos salários, motivo pelo qual os presídios estão perdendo os seus melhores servidores - uns atraídos pelas empresas privadas, outros atraídos por melhores funções dentro do próprio serviço público estadual.

É por isso que o diretor da Penitenciária de Avaré causou grande surpresa ao revelar aos participantes do I Semi-

nário que havia sido procurado por vários guardas de presídio, subordinados seus. Os guardas revelaram ao diretor de Avaré, Geraldo Andrade Vieira, sua grande ambição: "entrar para o Esquadrão da Morte".

Enquanto os participantes do I Seminário riam desse pedido, o diretor da Penitenciária de Avaré mostrava-se frontalmente contra a expressão "reeducando", adotada na grande maioria dos estabelecimentos penais. Geraldo argumenta: se a maioria dos presos nunca recebeu nenhuma educação, como vamos ousar falar em reeducá-los?

Geraldo tem razão.

Como também tem razão o diretor do Instituto Penal Agrícola de São José do Rio Preto, em mostrar-se favorável ao fato de os presos "receberem suas concubinas". Ora, como pretender que os presos recebam apenas suas legítimas esposas se 60% deles são oriundos de famílias desajustadas e frutos dos recolhimentos de menores?

O diretor da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra, conceituou muito bem: "todos os estabelecimentos penais são

clínicas criminológicas, ou deveriam sê-lo".

Essa afirmativa demonstrou o quanto, infelizmente, estamos longe de ver os estabelecimentos penais transformados em lugares que transformem o indivíduo - única justificativa do sistema prisional.

E isso porque, conforme demonstrou muito bem Tarcizo Leonce, na sua atuação em termos de **gnóstica** (diagnóstica e prognóstica) **criminológica** e de **terapia criminológica**, a Clínica Criminológica haverá de implicar todos os



planos ou dimensões do ser humano: a soma (ou corpo ou físico), o psico (ou mente), o sócio (ou "eu-social" ou "social-self", e o espírito (ou alma). Assim:

— o soma e o psico, passíveis de ser campos de atuação da Medicina em geral, da Psiquiatria em particular, e também da Psicologia Clínica;

— o sócio, passível de campo de atuação do sociólogo, do Assistente Social, do Psicólogo Social;

— O Espírito (ou alma), campo de

atuação do teólogo, e, pois, capelão.

Aliás, foi a Organização Mundial de Saúde quem definiu: "saúde é o completo bem estar somático, psíquico e social; e não apenas ausência da doença".

Além de tudo isso, é preciso conhecer a prisão por dentro. Saber, como contou o diretor da Penitenciária do Estado, Luiz Gonzaga Santos Barbosa, que os presos daquele lugar usam o vaso sanitário - por eles chamado de "boca de boi" - como meio de comunicação: "as pessoas que desejam se intercomunicar retiram a água do sifão do vaso sanitário e conversam tranquilamente, como se usassem um telefone". Descobrir que o **vai-vem**, brinquedo hoje popular, nasceu na prisão: os presos costumam utilizar a rede de esgotos para enviar encomendas para companheiros de outras celas: "envolvem a encomenda - lícita ou ilícita - em um plástico com contrapeso, geralmente, uma pilha de rádio consumida, e a enviam através da rede, presa a um barbante, não soltando até chegar à altura da cela do destinatário".

O destinatário, então, utilizando um

pedaço de arame, com gancho numa das pontas, caça a encomenda pelo barbante e a recebe pelo sifão de seu vaso sanitário.

Essas e outras coisas, principalmente a ânsia natural pela liberdade, devem ser levadas em contas. Acredito que o testemunho dos homens que participaram do I Seminário Paulista de Administração Penitenciária possa servir de elemento para reformas, sugestões e projetos. Sem utilizar modelos de fora, já que nossa realidade é outra. "A Casa de Vidro", de Truman Capote, que inspirou "O Sistema", é limonada bem doce, comparada à Casa de Detenção de São Paulo. Também é utópico imaginarmos as celas de nossos presídios com as TV a cores comuns na Suécia. Vamos usar aquilo que sabemos, porque temos estudiosos do problema bem intencionados, querendo trabalhar, ajudar, acertar.

"A familiaridade origina o desprezo", diria Shakespeare. Não desprezemos nossos práticos (e não teóricos) conhecedores dos nossos presídios, fantásticos e super-lotados laboratórios de comportamento humano.

Percival de Souza

POLITICA EXTERIOR

Ou da necessidade de definições

Com referência ao editorial publicado na edição do dia onze último do "Estado de São Paulo" sob o título "Diplomacia suspeita", efetivamente e como bem o demonstrou o articulista, a nossa **PRAGMÁTICA RESPONSÁVEL** está em deterioração tão rápida que chega a causar náuseas à maioria pensante da Nação.

Subserviência é o sinônimo tranquilo do que foi definido pelo nosso chanceler como linha bá-

sica de nossa política exterior; **PRAGMÁTICA RESPONSÁVEL**. Definição altissonante, ambígua, biface. Pragmático não significa nada mais do que usual, habitual, corriqueiro. Responsabilidade define-se em si e por si.

Se for usual uma chancelaria antecipar-se a tudo e a todos, reconhecendo como governo numa nação irmã Angola, um governo contestado e em luta, socorrido por milhares

de soldados cubanos apolados por armas sofisticadas e por centenas de técnicos russo, e assim mesmo instalável e cercado, não é possível aceitar-se essa atitude como pragmática ou usual, principalmente quando e até a instalação de um governo definitivo, assim com os portugueses, os cidadãos de Angola gozam da cidadania brasileira.

Combatendo dentro de nossa terra o governo ideologias extremistas, não nos é possível entender como o

Itamaraty pode definir a sua atitude antinacional e facciosa, precipitada e irracional, como sendo pragmática. E, muito menos como sendo responsável.

Já a vergonhosa capitulação ante a chantagem do petróleo, que nos desalinhou de nossos tradicionais aliados e parceiros comerciais, deixou a maioria dos brasileiros pensantes envergonhada.

Quando o chanceler Osvaldo Aranha propôs na ONU a criação do Estado de Israel, certa-

mente não poderla ter imaginado que um outro brasileiro, alinhando-se ou colocando nossa Nação ao lado do quarto mundo, repudiando seus aliados, condenasse a existência de uma nação que é realmente aflhada do Brasil. Como representação brasileira tornou-se o Itamaraty tão inexpressivo para as realidades nacionais, que mais mereceria ter a sua sede em Moscou do que em Brasília.

Há uma divergência total entre

as posições assumidas pela Revolução e a "responsabilidade" que vem caracterizando as atitudes do Itamaraty, ou melhor, de seu chanceler. Torna-se necessária uma definição, pois que não podemos ser bifaces, mostrando um lado do rosto para política interior e outro para a política exterior. Principalmente porque a grande maioria dos brasileiros não se alinha com os moscovitas e nem com os dançarinos de habaneras.

Alberto Traldi



A procura de novidades, êle sai de vez em quando de Jundiaí

Antonio Carlos de Castro Siqueira, 31 anos, proprietário de uma firma construtora, diz que encontra a maioria dos artigos de que precisa no comércio local. Mas que mesmo assim compra fora algumas novidades que ainda não chegaram em Jundiaí. Compra sempre no centro, pois é onde mora. O nosso comércio oferece a maioria das vantagens que espera encontrar.

Para este fim de ano pretende comprar mais roupas, seu orçamento está mais folgado. Prefere comprar a dinheiro como sempre faz, porque acha o crediário muito complicado e não traz vantagens. Só compra o necessário e não presenteia muito porque não foi acostumado. Seu orçamento de fim de ano é composto de suas próprias economias.

**CREDIÁRIO?
OS JUROS
DESANIMAM**

**QUE LOJAS
OS BAIRROS
PRECISAM?**



A auxiliar de laboratório, Jaciara de Abreu Paiva, de 17 anos, diz que encontra tudo o que precisa no comércio local, mas às vezes compra fora por ser mais barato. Compra sempre no centro porque é onde encontra as coisas mais diferentes e acha que o comércio local tem atendido bem às suas necessidades. Nesta época do ano costuma comprar mais presentes, para dar a amigos e parentes, tudo a dinheiro (os juros, da compra a prazo, que às vezes não compensam muito) pois o crediário desanima. Suas compras são feitas do seu 13º salário, estritamente dentro de suas necessidades.

A opinião de uma senhora de 30 anos, que não quis se identificar, em Jundiaí há muita dificuldade em encontrar roupas infantis, tendo que constantemente procurá-las em outras cidades. Afirmo que é preferível comprar nas ruas principais, onde é tudo centralizado, mas, que se os bairros oferecessem lojas especializadas e em grande número seria de melhor acesso e estacionamento. Para as festas de fim de ano, suas maiores compras serão de brinquedos e roupas.

O seu orçamento este ano está mais folgado, compra a dinheiro, mas nem sempre foi assim. Já comprou à crédito mas acha que a dinheiro é melhor porque já se sabe a quantidade que se pode gastar e já conta com o dinheiro.

Nesta época do ano presenteia muito e compra dentro do necessário, retirado de suas economias.

O comércio, de novo.

Com crise ou sem crise, uma verdade é incontestável: o povo, durante as Festas, vai fazer as suas comprinhas. Para uns, ela é fruto de pequenas economias feitas durante o ano. Para a maioria ela somente se torna possível graças ao 13º salário. Mas todo mundo está lá, pechinchando aqui, escolhendo ali, com a comum intenção de tornar material os seus desejos de feliz Natal.

No número anterior, o Jornal de 2ª ouviu os comerciantes.

E, apesar das indesculpáveis trocas de nomes e cargos, fotos e funções, pudemos publicar a opinião dos mais representativos comerciantes, todos acreditando no comércio local, e grande número deles se sentindo prestigiado pelo público comprador.

Agora, chegou a vez de ouvir o povo,

aquele que desembolsa economias e salários para brindar o Natal.

Também eles, os compradores, estão, na sua maioria, satisfeitos com o que o comércio local oferece. Há os que fazem compras nas cidades vizinhas. Mas o fazem mais por dilettantismo do que na busca de uma real economia.

A maioria, também, prefere pagar à vista, e só usa o crediário em caso de extrema necessidade: os juros cobrados, segundo os compradores ouvidos, anula qualquer vantagem aparente.

Nossa repórter Deborah Debrechti ouviu algumas dezenas de pessoas. E resumiu todas as opiniões no depoimento de algumas delas. Com a palavra Sua Excelência, o Comprador.



Comprar agora

**LAÉRCIO
NÃO TEM DÚVIDAS:
COMPRA FORA**

O técnico agrimensor Laércio Contesini, já diz que não compra nada em Jundiaí, a não ser produtos de primeira necessidade. A razão é que como estuda em outra cidade, acha artigos em preços bem mais econômicos. Pretende comprar apenas roupas... além de um carro!

Seu orçamento está mais folgado e só vai comprar a dinheiro, porém... o superfluo. Afirmo não presentear muito por pensar demais em si mesmo. Não acha vantagem comprar agora e pagar depois por causa dos juros. Todo o seu orçamento é retirado de suas próprias economias!

ARTIGOS ESSENCIAIS, A DINHEIRO E COM O 13º SALÁRIO



Joacir Barbi, 20 anos, diretor artístico, diz que não encontra tudo o que precisa no comércio local, portanto compra alguma coisa em outras cidades. Acha que seria interessante se aqui tivesse uma casa especializada em aparelhos de som.

Compra sem preferência, no bairro ou no centro ("dependendo da circunstância do momento") e que de forma geral o comércio

local oferece algumas vantagens. Pretende comprar esse fim-de-ano roupas e presentes, porém comprando a dinheiro, e se der comparando e o estritamente necessário. Não costume presentear, dependendo da compra que faz, grande por exemplo, há alguma vantagem pagar depois. Todo seu orçamento foi feito com o 13º salário.

Agora a opinião é do comprador

... ou fora?

POR COISAS DAQUI A PREFERÊNCIA DE DONA LOURDES

A cabelereira Maria de Lourdes Alves Balaluna, de 40 anos afirma: "encontro tudo o que preciso no comércio de Jundiaí e acho uma bobagem sair daqui para ir a Campinas ou São Paulo para comprar coisas mais baratas, que acabam saindo mais caras, devido as despesas que se tem". Prefere comprar no centro, pois é onde tem o seu salão. Declara que existem algumas lojas que fecham na hora do almoço, o que não deveria acontecer, pois existem uma pá de pessoas que fazem suas compras justamente nessa hora. Suas compras são bem variadas, seu orçamento é semelhante aos anos anteriores e compra a dinheiro, à crédito do jeito que for possível. Compra sempre o supérfluo, adora presentear. Não sabe ainda se comprar agora e pagar depois traz ou não lucro, só sabe que sempre fez assim. Todos os seus gastos são de suas próprias economias.



ISABEL SUGERE UMA LOJA PARA A MULHER



Isabel Cristina Lirio de Almeida, estagiária em desenho arquitetônico, 17 anos, afirma não encontrar tudo o que gostaria de comprar em Jundiaí. Acha interessante a criação de uma loja especializada em artigos femininos, porém o nosso comércio tem oferecido vantagens gerais. Para o fim de ano pretende fazer mais compras de bijuterias e comprará só a dinheiro, mas nem sempre foi assim. Compra um pouco do necessário e um pouco do supérfluo, compra bastante presentes, porque tem muitas amizades. Acha que dependendo do que comprar, vale a pena comprar agora e começar a pagar depois. Todos os gastos são de suas economias.

ESTE SÓ COMPRA POR OCASIÃO DO NATAL

José Geraldo de Barros, de 20 anos, é gerente de vendas. Também não encontra tudo o que precisa no comércio local chegando a procurar em outras cidades. Acha que Jundiaí está precisando de uma grande loja especializada em acessórios para carros. Compra sempre no centro pois é onde encontra os melhores artigos. Está acostumado a comprar muitos presentes, pois gosta de distribuí-los no Natal, sendo nesta época a ocasião que mais compra. Este ano o seu orçamento está bem mais folgado e só está comprando o necessário, a dinheiro. Não acha que traz vantagens comprar agora e pagar mais tarde e todas suas compras são de seu 13º salário.



SOM E SAPATOS, EXIGÊNCIAS DE CESAR.



O jovem estudante de engenharia, de 23 anos, César Brayner Nunes da Silva, acha que ainda faltam alguns artigos no comércio de Jundiaí, concordando com Joacir: loja especializada em aparelhos de som e sapatos para homem. As compras que sempre faz são de artigos variados, já comprou a crédito, mas agora só compra à vista, dependendo do necessário. Nesta época não presenteia muito porque seu círculo de amigos e parentes é pequeno. Quanto a comprar agora e pagar depois, acha que as vantagens são indiferentes. Todas as suas despesas são de suas próprias economias.

Falta uma casa de moda hippie para essa estudante



A jovem Regina Célia Barreiros Lima, estudante de 15 anos, é uma das que fazem a maioria de suas compras de fim-de-ano em Jundiaí mesmo, afirmando encontrar quase tudo que precisa e que procura.

A única falha que vê no nosso comércio é a falta de uma casa especializada em moda hippie. Costuma comprar no centro, "pois é onde estão localizadas as butikues" e diz que suas

compras para as festas de fim-de-ano se resumirão em roupas.

Pretende comprá-las a dinheiro, como sempre fez. Ela própria acha supérfluas algumas de suas compras e presenteia muito, principalmente os amigos e parentes que são em grande número.

Embora seu orçamento seja composto de algumas economias "mais o 13º do papá" não acha vantagem comprar agora e pagar depois.

Silvio Caldas

Silvio Caldas "Especial" (ao vivo), é a gravação que a Som Livre fez, no Teatro Fênix, do Rio de Janeiro, de um espetáculo musical que o "caboclinho querido" fez, juntamente com Elisethe Cardoso, para um "Especial" apresentado pela Rede Globo.

Essa bolachona, ao alcance de quem coleciona, em matéria de música, o que deve ser colecionado, está dando sopa, em prato, fundo, nas casas especializadas.

O "caboclinho querido", mais a "divina" Elisethe Cardoso, como Lálau Preta chamava a cantora, nesse LP, que apresenta músicas de Ary Barroso, Lamartine Babo, David Nasser, Noel Rosa, é uma curtição para os que se amarram na "onda de nostalgia". Esse LP, foi produzido por João



Mello, baseado num "Especial" da Rede Globo, produzido por Augusto Cesar Vanucci que é, aliás, o produtor de "Fantástico", o Show da Vida.

— E daí? — você que lê esta coluna, está perguntando?

E daí, filhote, negó seguiu: nesse LP que eu, só pela faixa "Poemas do Olhos da Amada", de Vinícios de Moraes e Paulinho da Viola, "em verdade em verdade vos digo que, " ele merece ser levado

para sua casa, é, também, um tremendo "bem-feito" para aqueles que, não lendo essa coluna, ficam pensando que, "disco é cultura", conforme as gravadoras que, para impingirem os waldiks sorianos da vida, não hesitam em colocar na capa dos seus bagulhos, esse "slogam" que pode "colar" para os incautos, mas, não pode "descolar", para os sábios leitores dessa coluna, Cr\$ 45,00 para levar bagulho para casa.

"Cativa de um amor"

Na tela do "Gemine I", em São Paulo, Jeannie Berlin, Roy Scheider e Rebeca Dianna Smith, sob a direção de Sidney J. Furie, se submetem a representar uma estória que, de tão batida, manjada e explorada, em matéria de originalidade está simplesmente "no subúrbio dos acontecimentos".

Sheila, a donzela que sai "toda pura" de sua província, para tentar a sorte numa metrópole, é a heroína dessa história que, em matéria de banalidade, tiraria, "de letra e música", qualquer troféu, caso existisse tal "prêmio" para esse tipo de coisa.

Como convém a toda provinciana que se preza, Sheila Levine sai do interior para uma capital, com o salutar propósito de adquirir independência financeira, e, "de passagem pelos nossos estúdios", auto-realizar-se (como é de encher o saco dizer). Contudo, Sheila fica bastante "desiludida" ao constatar que, para subir na vida, é necessário fazer força. Eis que, senão quando, a donzela faz essa descoberta — qual não é sua desilusão, espanto e coisas afins, "descobre" que, numa cidade como Nova York, ela é, nada mais e nada menos que "uma a mais", "mais uma", "apenas uma",

entre outras tantas, e, com o mesmo drama.

A partir dessa constatação, Sheila, para sobreviver, tem que dividir, com sua amiga Kate, um modesto apartamento, comer mal e barato em lanchonetes mal frequentadas (só porque o diretor acha que só se consegue comer mal em locais mal frequentados). E, como Sidney J. Furie, o diretor, grávido de "idéias inéditas", houve por bem achar que, para a estória ser ainda mais banal, um

doutor deveria entrar para ser disputado pelas duas amigas e "ganho" pela heroína, não deu outra: Sheila Levine fica com o doutor, sua amiga Kate com uma tremenda d.d.c. (dôr-de-cotovelo para os íntimos), e o espectador com uma tremenda raiva de ter gasto 10 pedros para ver uma craca.

Como auto-punição, curtição dos "masocas" e para "queimação" de "karma", esse filme é absolutamente ideal.

Boa sorte.

Atenção estudantes!

Tendo em vista que, o moderno ensino é feito com base em pesquisas pessoais do estudante, o Jornal de 2a. passará a publicar, semanalmente, uma biografia de cada escritor, poeta, dramaturgo, etc., para, com isso, se constituir em mais uma fonte de pesquisa para o ensino.

A publicação, semanal, de uma biografia, sairá sob o título "Recorte & Guarde", pois, recortando e guardando as biografias publicadas, o estudante terá, dentro de algum tempo, um razoável material didático para desenvolver seus trabalhos escolares e atender às solicitações de seus professores.

Por ser Machado de Assis considerado o chefe da literatura nacional, é com ele que o Jornal de 2a. inicia a publicação semanal de uma biografia, portanto:

Recorte & Guarde

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS (1839-1908), carioca nascido no Morro do Livramento, mulato, pobre, de origem extremamente humilde, é uma das figuras mais importantes do panorama literário brasileiro, o que equivale dizer que, Machado de Assis — como é conhecido literariamente — não deve ser julgado apenas como um talento, mas também, como um símbolo de esforço, de tenacidade e perseverança.

Sem estudos regulares, muito pobre, epilético, gago, M.A. se constituiu num exemplo de que, através do esforço pessoal, do trabalho constante, e, da persistência, pode o homem realizar-se plenamente.

Romancista, contista, poeta, teatrólogo, crítico e jornalista, Machado de Assis, foi considerado, em vida, o chefe da literatura nacional.

Em 1856, M.A. empregou-se na "Tipografia Nacional", onde exerceu o cargo de aprendiz de tipógrafo durante dois anos, tendo passado, em 1.858, para o jornal "Correio Mercantil", com a função de revisor. Aliás, Machado de Assis já vinha, colaborando na imprensa periódica desde 1.855, ano em que publicou sua primeira poesia no "Marmota Fluminense". De 1.860 a 1.867, trabalhou na redação do "Diário do Rio de Janeiro", deixando esse jornal para assumir o cargo de auxiliar de Diretor do "Diário Oficial". Em novembro de 1.869, casou-se com Dna. Carolina Augusta Xavier de Novais portuguesa e irmã do poeta Faustino Xavier de Novais. Nomeado, em 1.873, primeiro oficial da "Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas", e, aí, ocupou vários cargos relevantes, tendo permanecido nessa Secretaria até os seus últimos dias. Foi, ainda, membro do "Conservatório Dramático do Rio de Janeiro", co-fundador da "Academia Brasileira de Letras", e, seu primeiro Presidente.

Seu estilo simples, natural, preciso, é bem o reflexo de seu temperamento sóbrio e comedido. Sua obra, essencialmente nacional, é, também, bastante regional pelo que tem de "cariquismo" nos seus tipos e nos seus ambientes.

Machado de Assis, como contista e romancista, pela sua obra universal pelo pensamento e brasileira pela sensibilidade, pode, sem favor nenhum, ser situado ao lado dos melhores contistas e romancistas da literatura universal.

Pufs!

Sarapatéu, em iídiche, significa: Abrão, nossa filha deu uma incrível trombada com o Fusca novo que custou 30 milhas!

Lisérnico foi um general grego muito do pirado. Cascadura foi um lusitano muito teimoso, que atravessou o Atlântico nadando atrás da nave de Cabral. Gago Coutinho destacou-se na vida artística interpretando músicas do repertório de Nelson Gonçalves.

Cabedal é uma espécie de bicicleta antiga. Mourisco é um frutinho português que dá muito bem quando é à beira-mar plantado.

Soslaio foi um escravo romano que se fazia de espião entre os apóstolos, nas catacumbas.

Megera é uma teoria biológica que explica o nascimento de filhos naturais.

Afago foi um cavalo que, tornado senador de Roma, destacou-se pela bajulação a Nero.

Venerando foi o primeiro sanitarista a se preocupar com as moléstias das prostitutas, na Babilônia.

Alcovas eram velhas mexiriqueiras que pagavam seu crime sendo emparedadas vivas.

Honoris Causa foi o primeiro médico a se especializar em atestados de óbito. Res, non verba quer dizer "acabou-se a grana" (Fonte: Tio Ulysses)

Farfalhar é uma espécie de gagueira que faz o paciente imitar sons de borboleta.

Bacilo descobriu carvão mineral, de cócoras. Parcimônia é um angu de milho que os índios dividem entre si.

Loas foi uma poetisa que jamais escreveu seus versos. Cantava, apenas.

Merencórea foi a grave doença que provocou a morte de Vicente Celestino.

Fugaz é um vazamento muito comum em botijões que possuem qualquer defeito na válvula.

Perplexo é um pequeno osso situado no queixo dos lutadores de boxe.

Senil é o lugar onde se guardam os cachorros muito velhos.

ZARTEU

boutique

Bymboka

rosário 455

fone 42833

DISTRIBUIDORA KINHO

FRIOS E LATICÍNIOS EM GERAL
ATAcado E VAREJO

nery aparecido rodrigues

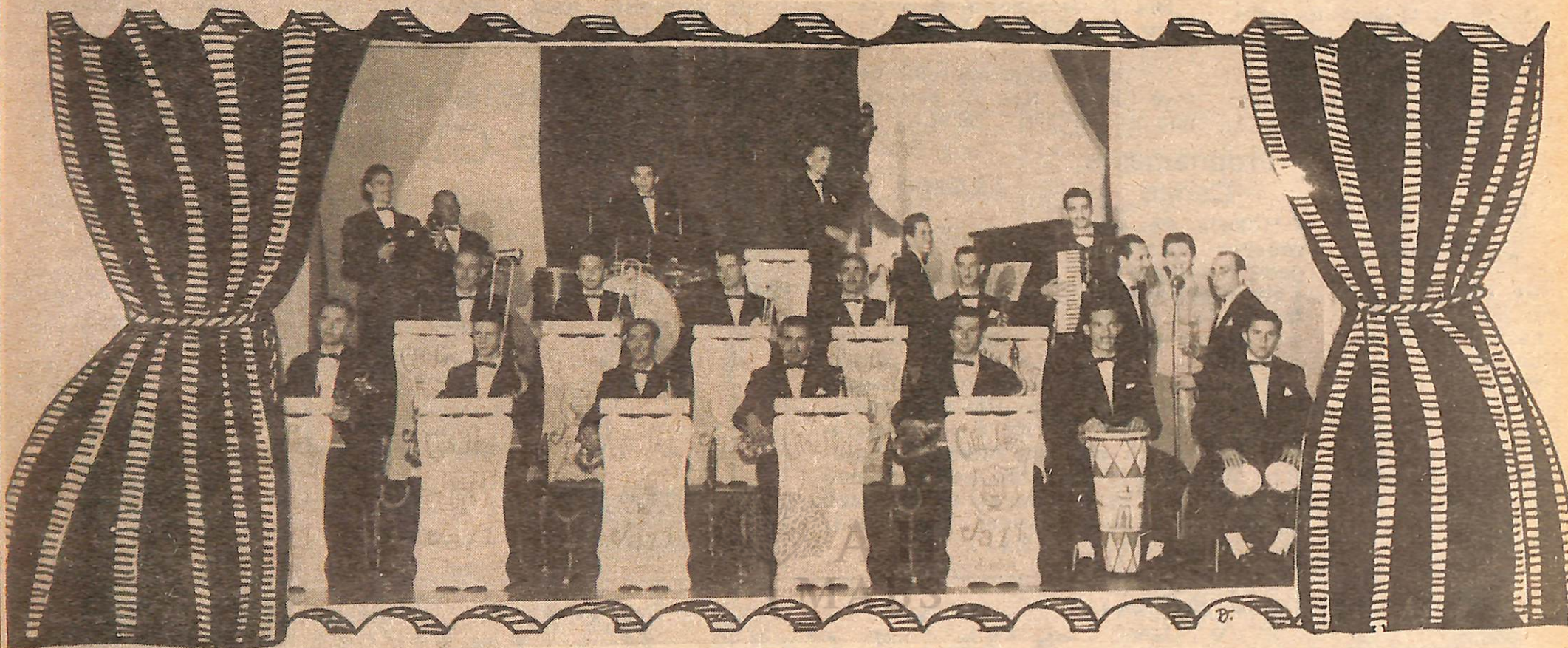
rua marechal deodoro n. 282 fone 6-7521

Descerrando a cortina

21 de abril, sexta-feira, o maior feriado. Em 1954, feriado era pretexto pra baile. Ou brincadeira dançante (um sarauzinho muito animado, que começava às 8 da noite e ia até as 11, porque dia seguinte era dia de basquete).

Sexta-feira, 21 de abril de 1954. Nesse dia, no Grêmio, Machado de porteiro políciando a entrada de penetras, salão apinhado, ia estreiar uma cantora no City Swing Jazz. Lá no fundo do palco, um ritmista botou o maior olhar pidão em cima da novata. O nome da moça: Cacilda Resaghi. O pandeirista pidão: Iólíce Romero. A cantora

estreiou e agradou (o pai dela, que tinha ido assistir ao "debut", chorou italianamente, embora fosse contra essa "vida de artista, principalmente uma moça"). Agradou a orquestra, os dançarinos, os que não dançavam e, principalmente, agradou o ritmista, que acabou casando com ela. Em nome do **Jornal de 2ª** — e com a intenção de documentar uma fase da vida musical da cidade — entrevistei essa dupla de boa gente e bons músicos. Ao nosso microfone, portanto, Cacilda Resaghi Romero e Iólíce Romero (imaginem, ao fundo, o City Swing Jazz lascando o maior samba-canção. "Vida de Bailarina", por exemplo).



Jornal de 2ª: Cacilda, quando apareceu em você essa vontade de cantar?

Cacilda: Ah, sei lá. Acho que eu tive sempre essa vontade. Desde bem pequena, quando eu tinha 10, 12 anos. Mas depois passou a fase, porque não havia assim um entrosamento com uma turma que gostasse.

J 2ª: Você chegou a ser profissional, a cantar profissionalmente?

CR: Não.

J 2ª: Você não ganhava, na orquestra?

CR: Ganhava, mas não era registrada como cantora profissional. Eu cantava mesmo por gostar de cantar, porque o que eu ganhava era uma quantia bem pequena.

J 2ª: E quem convidou você pra cantar?

CR: Eu mesma me ofereci. Mandeí uma amiga minha, que era vizinha de um dos músicos da orquestra, sr. Furquim, perguntar se eles estavam precisando de cantora. Eu não sei se na época a cantora era a Isabel Bigas. Ela ia sair, sei lá. O sr. Furquim mandou-me dizer que na quarta-feira próxima ia ter ensaio e que se eu quisesse fazer um teste pra eu ir ao ensaio. Eu fui. Eles ensaiaram uma música da Ângela Maria, me escapa agora o nome (será que era "Encantamento"? Nem sei se é esse o nome). Ensaiei e deu certo.

J 2ª: E você Iólíce, como começou a tua carreira?

Iólíce Romero: Ih, eu ouvi muita música, antes de começar a tocar. Em Campo Limpo sempre tinha choro, na casa de um, na casa de outro. Então sempre sobrava alguma coisinha pra gente bater junto, e deu pra gente aprender e ir tomando gosto. Depois eu mudei pra Jundiaí, em 50. Achei cem cruzeiros na frente do Bar Metrôpole, comprei um pandeiro e consegui entrar no "City Swing", primeiro dando uma canjinha. E fiquei lá quase 5 anos.

J 2ª: Além do "City Swing", você tocava com o conjunto do Tono, o Toninho Pelliciari, não tocava?

IR: Era eu, o Toninho no piano, o Leco e a Cacilda cantando, o Décio Pradela na bateria, tinha uma outra menina, a Norma, que também cantava. A gente fazia ritmo e um pouco de contra-baixo. O Geraldo Calazans às vezes tocava com a gente. A gente tocava no "Mil e Uma Noites".

J 2ª: A orquestra viajava muito. Cacilda, em que cidades vocês tocaram, lembra de alguma?

Cacilda: Ah, lembro. Ouro Fino, Ribeirão Preto, Ribeirão Pires, Valinhos, Itatiba, Rio Claro, Piracicaba, a gente viajava quase todo sábado. São Paulo, Santo André e muito outros lugares. E a gente era bem esperada, naquela época a orquestra tinha muito cartaz, sabe?

J 2ª: Qual foi o baile que você achou mais bacana? Ou a cidade.

CR: Bem, foi em Ribeirão Pires. Modéstia à parte, eu consegui parar o baile, escutaram a minha seleção, me aplaudiram, pediram bis...

J 2ª: Você lembra alguma música do seu repertório?

CR: Lembro. "Joá", "Vida de Bailarina", "Lábios de Mel". Eu cantava samba, cantava fox, o que caísse pra mim eu cantava.

J 2ª: Você imitava a Ângela Maria?

CR: Infelizmente, eu acho que sim. Faltou alguém que dissesse "você não deve imitar a Ângela Maria", eu acataria essa sugestão e não imitaria ninguém. Mas ninguém me falou. Então, a gente estava cantando, a turma aplaudia "Ângela Maria" e eu ia nessa. Isso acontecia também com o cantor Henrique Augusto: ele era o "Gregório Bárrios". Agora, quando o Walter, o outro cantor, cantava, ele era ele mesmo. Não me lembro do Walter ter sido, assim, aplaudido. Mas, bem ou mal, ele era ele mesmo. Mesmo o Calazans, que cantava muito bem, era sempre muito aplaudido, e nunca citaram ele como sendo outro. Sei lá se ele imitava alguém...

J 2ª: O Billy Ekstine ele imitava. "When you say good bye...", Você não acha que era mais ou menos natural que você imitasse. Existia uma cantora famosa, a orquestra tocava o repertório dela, que era sucesso para o público. Então, é natural que você, ou os outros, imitassem. Mesmo a Ângela Maria começou imitando a Dalva de Oliveira. A Elza Soares começou imitando a Ângela Maria. Isso é um fenômeno explicável. Iólíce, fala aí a escalação da orquestra "City Swing Jazz".

Iólíce: Na melhor época? Toninho Pelliciari no piano, Durval na bateria, eu no ritmo. Décio Pradella no bongô, o Xixo no violão elétrico, o sax barítono era o René Blatner, sax tenor o Cozzi e Brunholi, Pupo e Jorginho no sax alto. No piston tinha o Cocada, o Ari e o Nelsinho, que chegou a ter muita fama, você se lembra?

J 2ª: Que ritmo pegava mais na moçada?

IR: O bolero. Bolero e samba-canção.

J 2ª: Era diferente tocar no Grêmio e no Clube Jundiaense?

IR: O Grêmio, normalmente, era mais animado. O pessoal dançava até meia-noite com as namoradinhas no Jundiaense e depois partia pro Grêmio e ficava até as quatro. Ou até as seis, às vezes.

J 2ª: Cacilda, você gostaria de ser cantora, hoje?

Cacilda: Não sei viu. Não, se fosse pra ter uma vida completamente diferente da que eu tenho, não. Ter conhecido o Iólíce, ter casado com ele, ter meus filhos, em troca disso eu não gostaria de ser cantora, entende?

J 2ª: Iólíce, num baile você cantou e abafou. Onde foi isso?

Iólíce: No "28 de Setembro". Trouxeram uma música nova de São Paulo, um samba, eu já conhecia a música, cismeí de cantar...

J 2ª: Qual era a música?

IR: (pigarro) (canta) "Em seu vestido de chita/ minha operária bonita/ regressa cansada de trabalhar/ Apaixonado por ela/ com o pensamento nela/ eu sinto meu coração palpar/ Ao lado das companheiras/ menina toda faceira/ ela se destaca entre as demais/ Com um sorriso ela me cumprimenta/ sem saber que assim aumenta/ o grande mal que me faz". Era música do Risadinha.

J 2ª: Você ainda canta, Cacilda?

Cacilda: Muito, em casa, sem cachê, pros amigos.

J 2ª: Se alguém organizasse um show, hoje, de músicas do seu tempo, nostalgia, você toparia participar dele?

CR: Não sei. Se fosse um pessoal amigo...

J 2ª: Eu já ouvi você cantando, em casa, pra moçada ouvir. E a molecada gosta. Você, gosta da música da moçada?

CR: Algumas sim. "Balada de Um Louco", dos Mutantes, eu acho linda. Gosto do "Carpenters", James Taylor, Rick Wakeman. Eu gosto, mas continuo preferindo as do nosso tempo.

J 2ª: E outra música de hoje, sem ser rock.

CR: O autor de que mais eu gosto, e gosto de tudo dele, é o Chico Buarque. Do Caetano gosto muito, mas apenas de algumas músicas, as atuais, fora do "Tropicalismo". E tem o João Bosco, o Paulinho da Viola, que é maravilhoso, tem muita gente bacana.

J 2ª: E cantora atual, qual a que você acha melhor?

CR: Gal. Gal Costa. Gosto da Bethânia, mas a Gal tem muito mais qualidade que a Bethânia.

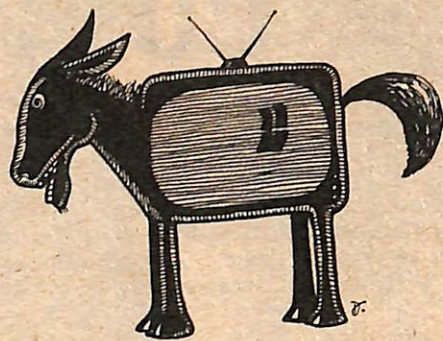
J 2ª: O que vocês acham dos nossos Nardinho e Zé Coveiro?

Cacilda e Iólíce: Ótimos. Como músicos e como amigos. Geniais!



O QUE VAI PELOS ARES

Nem tudo está perdido



Dia 24, às 11 horas da noite, na Globo, tem Rick Wakeman Especial.

Dia 31, às 9 da noite, tem Roberto Carlos Especial.

Dia 1º de janeiro, às 3 da tarde, tem "Meu Pé de Laranja Lima".

No meu antigo aparelho de tevê Philips tem um botãozinho escrito "Off". (E.M.).

Gaúcho em São Paulo

Já está à venda em São Paulo (Livraria Teixeira, Rua Marconi, 40), o "policial" de Barbosa Lessa "O Crime É Um Caso de Marketing", lançado em coquetel, dia 11, na própria livraria. (E.M.).

Propriamente Carlito

"Mais do que morrer não se pode. E a morte não é um susto pra gente habituada a se apagar lentamente, a cada dia".

Palavras de Carlito Maia sobre a peça "Reveillon", que está agora no Rio de Janeiro, estrelado por Yara Amaral e Sérgio Mamberti. (E.M.).

Longe das câmeras

Lima Duarte está fazendo o maior sucesso nos palcos do Rio de Janeiro, com a peça Bonifácio Bilhões, coadjuvado por Armando Bogus e Hildegard Angel. Gente boa. (E.M.).

Inteiramente Dina

"Status" de novembro, que eu só vi agora, traz uma entrevista com Dina Sfat, ela posando semi-nua para algumas fotos (maravilhosas, as fotos e o modelo).

Só um pedacinho da entrevista, uma fala de Dina:

"Veja, por exemplo, o caso destas fotos que estou fazendo para Status. Não sou mais uma mocinha para aparecer inteiramente nua. Não sou importante o suficiente para merecer uma reportagem

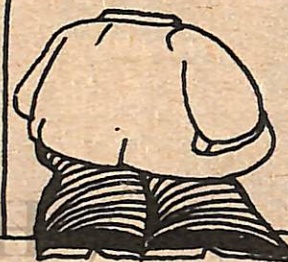
grande. Fico no meio termo: fotos que não revelam tudo, uma pequena entrevista".

Compre a revista, compare a melada Dina com os corpos inteiros do resto e julgue você mesmo. (E.M.).

A arte de sonho na "Arte Global"

Você tem uma chance espetacular de ver, ao vivo, obras de Picasso, Chagall, Léser, Max

Ernst, Dali e outros grandes nomes da pintura contemporânea européia, indo à Galeria Arte Global



(Alameda Santos, 1893), até o dia 21.

É uma mostra que o jornal "O Globo" e a Rede Globo estão promovendo, no encerramento das comemorações do cinquentenário do jornal e do 10º aniversário da Rede.

A exposição funciona no seguinte horário: de segunda a sábado, das 14 às 21 horas.

É só chegar lá e ver. Vale a pena. (E.M.).



HORÓSCOPO

Aries (21/3 a 20/4)

Se estas linhas saírem trocadas, invertidas cortadas ou suprimidas, tenha calma. O Zodíaco escreve por linhas assim.

Gêmeos (21/5 a 20/6)

Você é você mesmo, ou o da direita? Revisem-se, coloquem-se em seus devidos lugares. Sejam felizes.

Leão (22/7 a 22/8)

Comece pela segunda linha, pule duas, volte para a primeira e depois leia corrido. Semana embaraçada, mas favorável.

Balança (23/9 a 22/10)

Na semana passada, onde saiu "felicidade" era "desgraças profundas", onde estava "serás" era "já era". Inda bem que a semana já foi!

Sagitário (22/11 a 21/12)

Os nascidos sob o signo de Sagitário têm grande força de vontade, são resolutos e... olha só! esse signo saiu certo. Aplausos!

Aquário (21/1 a 19/2)

Muita bagunça, tudo fora de lugar. Você é um cara de sorte, mesmo, na confusão, você vai de Peixes, ou vice-versa e tá tudo bem.

Touro (21/4 a 20/5)

O dia em que instituírem Revisão na arena, aí sim, você pega o toureiro. Antes disso, banhe-se em vinha d'alho e reze.

Câncer (21/6 a 21/7)

Como o teu horóscopo deverá sair fora de lugar, escolha um signo qualquer, leia com fé e vá em frente, Capricórnio, isto é, Caranguejo. Desculpe.

Virgem (23/8 a 22/9)

Desgraçadamente, nada mudou pra você. Mesmo assim, aproveite a geléia geral, dê uns mugidinhos e arrisque-se com Touro. Quem sabe?

Escorpião (23/10 a 21/11)

Assim enroladinho em lá e tremendo de medo do lobo, acho que você é de Aries. Confira a sua certidão de nascimento. Já!

Capricórnio (22/12 a 20/1)

Infelizmente, Capri, não posso adiantar nada. De repente você sai no signo de cima e vai dar tudo errado pra você. Tenha fé.

Peixes (20/2 a 20/3)

Viu como eu tava certa quando misturava tudo? Agora não sou eu, é a gráfica. Tudo bem tudo bem.

Profª Zuleika

67⁸ 75
ANOS



CONSTRUTORA
JUNDIAÍ LTDA.

r. Siqueira de Moraes n° 578
8º andar - conjunto 801 - C

TAPEÇARIA
BRASIL

ESPECIALIDADE
EM TAPEÇARIA DE
AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n° 224
FONE: 6-5977

FINALMENTE, A SUA
GRANDE CHANCE DE
ADQUIRIR UM VOLKS
1800 "0 KM" POR
Cr\$ 495,00 MENSAL!

Pagamento em 60 meses.

Lances e sorteios todo
mes. Comercial Liberato
faz a entrega. W. Mazza
vende. Já aberto o
3º Grupo. Rua Senador
Fonseca, 909 - Fone: 4.2642

DECIO DENARDI

desenhos-anúncios-logotipos

folhetos-cartazes

rua dos bandeirantes, 683

fone 6-8066 - Jundiaí

aberto até às 4:00 hs.

PIZZA
KIBES
LANCHES
DOCES SIROS

Pratos Arabes

rosário 239 - 4-2669

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RAPIDOS E SEGUROS



HIDROTECNICA

projetos e execuções

rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)



A SENZALA
Rua Barão de Jundiaí, 932
Fone: 4-0697

DOCES CASEIROS

ENCOMENDAS PARA O
NATAL E ANO NOVO



A MORTE DE UM CARISMA

Aos 80 anos morreu, semana passada, o líder integralista Plínio Salgado, cujo maior prestígio aconteceu em 1937, pouco antes do banimento do partido pelas leis do Estado Novo, de Getúlio Vargas.

Salgado concedeu, dias antes da sua morte, uma entrevista à reporter Lucita Bicudo (Aqui, nº 5 publica), quando reafirma que o integralismo nada tem a ver com o fascismo de Mussolini, ou o nazismo de Hitler.

Os integralistas tinham um uniforme (camisa verde, gravata preta) e saudavam-se levantando o braço direito e gritando "Anauê!", uma espécie de "Heil" tupiniquim — é a única comparação que me ocorre. (E.M.).

SEMPRE UM CRISTO

Embora muitos julguem um percentual insuficiente em relação à real elevação do custo de vida em 75, o governo federal fixou em 37% o limite para os dissídios coletivos que estão sendo julgados.

Mas, para o governo paulista, que aumentou em apenas 30% os vencimentos de seu funcionalismo, o governo federal pode estar até exagerando. Sobre o valor do salário pago ao funcionalismo ha uma divergência de opiniões dentro do próprio governo. Ela foi ressaltada dias antes do envio da mensagem, quando o secretário da Segurança Pública falou da dificuldade de exigir mais eficiência de uma Polícia cuja maioria dos salários estão por volta de 1.500 cruzeiros, tendo ele que recorrer ao rodapé da sociedade para preencher os quadros policiais ("Com um salário desses, vamos recrutar quem?").

Enquanto isso, de vez em quando aparece um deputado à tribuna da Assembleia Legislativa para apontar existência de privilégios nas empresas de administração pública. E diz a imprensa que a maioria dos homens do atual governo estadual, desde Paulo Egidio Martins, são adceanos, isto é, pertencem a uma corrente de empresários denominada Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresas.

Sempre tem que haver um Cristo para levar a culpa. (Benito)

Glória! Glória!

E não é que a nossa mais famosa tenista, Glauca Langela, está aparecendo diariamente nos vídeos de TV naquela propaganda da Secretaria de Esportes do Município de São Paulo, para adotar um atleta. Se o caso for sério, eu me candidato a adotá-la, o mais rapidamente possível, pois deve haver muito mais gente querendo tê-la em casa. (Pepe)

O GRITO

Parabens ao jornalista Guilherme Enfeldt pelo grito contra a derrubada de árvores em nossa cidade. Não vai adiantar, como não adiantou, nossa denúncia sobre a fábrica construída clandestinamente em áreas verdes vendidas pelo próprio prefeito municipal.

Mas vamos em frente. Quem sabe de grito em grito o galo fique de papo cheio e se toque. (JV).

FALTARAM AS BARRAQUINHAS

O Baile do Rock, promovido pela "Liga Feminina de Combate ao Câncer", com o Conjunto "A Banda do Brejo", conseguiu atingir seus propostos fins, ficando "O Balaio" "entupido" de gente. Além de fazer muito sucesso foi conseguida uma boa renda para a entidade. Conforme foi visto, não tinha nenhum coroa. Só faltou mesmo foi gente de outra cidade acampando em frente ao Balaio... (Deborah).

QUERO MAIS

A Companhia de Teatro SIA SANTA, com apoio da Secretaria de Educação, Esporte e Turismo de Campinas, reúne um grupo de jovens que tem por fim a promoção do teatro no interior paulista. Essa programação anual de teatro foi feita em Campinas, São Carlos, Ribeirão Preto e agora está entrando em Jundiaí. A primeira apresentação foi feita dia 10 de dezembro no cine Alvorada, com o show de JUCA CHAVES, "O Pequeno Notável", com uma audiência bastante boa para uma platéia jundialense. (RDK).

CHEGAMOS!



Nada de risinhos maliciosos! Deixem os comentários picantes para outros! Vade retro, más línguas! Afastem-se, mentes poluídas por mordazes pensamentos! Nós chegamos no nº 24, mas não aconteceu nada daquilo! (Pepe).

BYE! BYE!

O repórter fotográfico Francisco Alves de Queiroz, deixa o Jornal da Cidade dia 15 de dezembro devido a sua partida à sua terra natal, Manaus, aonde irá continuar trabalhando em jornal.

As saudades dos "verdes campos de minha terra" soaram mais altos e assim para quem quiser continuar em contato, aqui está seu novo endereço:

Rua 5 de Setembro, 376, Bairro S. Raimundo, MANAUS, Amazonas, e para um "alô", o fone 32-4403. Não esqueça da gente, hein, Queiroz! (Regina)

SARAVÁ!

Os atabaques tocavam firme para render graças a Yemanjá em Cidade Ocian, mas não conseguiram sufocar o samba que um grupo executava no meio da praça.

Quem poderiam ser senão integrantes do bloco Estamos na Nossa, com um surdo, tamborim, caixinha e chocalhos. Não demorou muito para começar a juntar gente à procura de algo menos espiritual do que estava ocorrendo na praia.

Junto é claro, veio a Polícia, para tirá-los de frente de um bar, mandando-os para perto do mar. Contudo, os ânimos não se arrefeceram, e entre um gole e outro, a festa continuou. Com isso, o bloco, definitivamente, acabou por consolidar sua posição de vanguarda. Pelo menos era o único da festa. (Pablo).

DISTINTA AUSÊNCIA

Que o cidadão prefeito vá às cerimônias de formaturas de escolinhas acompanhado de membros do seu gabinete, muito bem.

Mas que não vá à formatura da Escola de Medicina nem se faça representar, muito mau.

Afinal a Escola é Municipal, muito bem conce-

FOMEBOL

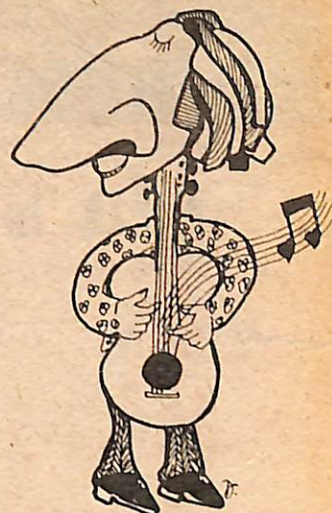
Não se pode negar a bem bolada denominação de Torneio da Fome para os jogos de futebol que vão custar aos cofres municipais Cr\$ 410.000,00 com crédito aberto por conta de anulação de verba destinada a obras públicas.

Agora que vai virar banquete não há novidade pois que já temos três anos de comes e bebes interruptos.

Em todo caso palmas para o JC que deseja saber verdades, como todos nós, embora seja querer muito. Aqui em Jundiaí ninguém tem que saber nada, fim de papo.

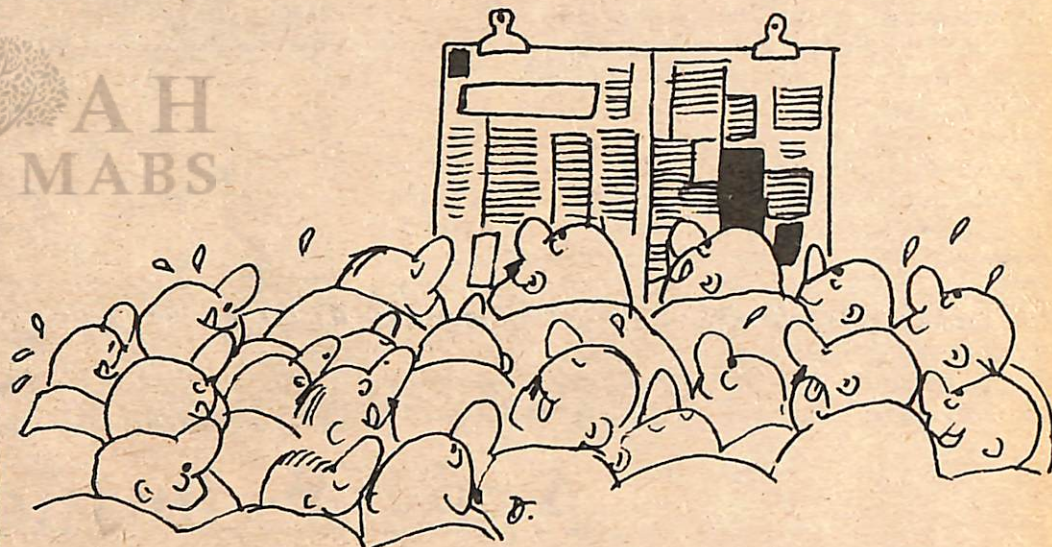
Vale a intenção, mas bom mesmo seria um trabalho de maior folego para conhecermos mais verdades. E tem cada uma... (JV).

EXCLUSIVO



Em sua rápida passagem pela cidade de Jundiaí, Juca Chaves trouxe "O Pequeno Notável", (que aliás, inclusive, não tem nada a ver com Carmen Miranda) me deixou incumbida de levar uma mensagem especial para todos os jundiás: "Para os homens, muito humor. Para as mulheres muito labor. E para os homens e as mulheres muito amor". Esta foi exclusivamente exclusiva! (D.D.).

A "Luta" por uma manchete



Um dos maiores dramas de qualquer jornal é a manchete. Nem todo dia existe um assunto digno de destaque. Nem mesmo nos jornais "policiais", aqueles especializados em dar notícias sobre ação, crime, sexo, violência — não que o pessoal especializado nesse ramo do jornalismo seja mórbido: é uma boa parte dos leitores que pede sangue. E como pede!

Essa falta de manchete

nos jornais especializados em notícias policiais é responsável por verdadeiras obras-primas. Um jornal carloca (e agora, fusão? Carlóca, carlense ou flumloca?) — A Luta Democrática — publicou uma manchete que ficou na história do jornalismo. O jornal já estava quase pronto (43 minutos do segundo tempo, para ser mais claro) e nada de notícias dignas de manchete. A

única notícia policial do dia era um caso registrado no Pronto Socorro — uma moça ficara intoxicada depois de comer um cachorro-quente. E notícia? Na maioria dos jornais não, mas, na ausência de coisa melhor, o redator não teve qualquer dúvida. No dia seguinte, o jornal esgotou, principalmente por causa da manchete: "Cachorro fez mal à moça". A. Fernandes



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

Excursões ABITE TURISMO

DISNEWORLD — MIAMI — BAHAMAS
COMPRAS EM MANAUS
BAHIA DE TODOS OS ORIXÁS
BUENOS AIRES — MAR DEL PLATA
CATARATAS DO IGUAÇU

INFORMAÇÕES FONES: 6.1530 - 4.3922
R. ROSÁRIO, 585

“Procuramos deixar a criança livre para que ela sozinha consiga descobrir seus interesses dentro da música”



Na escola, a música para crianças

Raras são as atividades musicais em Jundiaí. A mais importante, recentemente, foi o concurso de piano no Gabinete de Leitura Rui Barbosa, com a presença do maestro Souza Lima. Entretanto, nem só de concursos vive a música na cidade: existe uma escolinha escondida na rua Prudente de Moraes, a da professora Josette Feres.

Com cerca de 80 crianças, de 4 a 12 anos, são ministradas aulas de iniciação musical, a cargo de Josette, (na foto de baixo, com uma aluna), que é formada pela Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro.

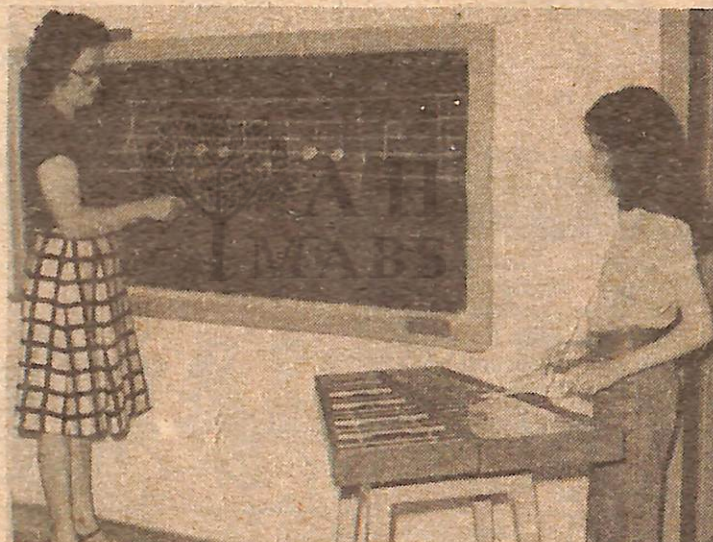
A iniciação musical

compreende um período intuitivo, com a escada de som, que a criança sobe ou desce de acordo com a nota ouvida e jogos com a mesma finalidade de treinar a audição. Além disso, há exercício de ritmo e coordenação motora; apreciação musical, onde os alunos, inspirados numa música suave, desenvolvem uma história.

Ainda dentro disso, há prática de dança e teatro; banda rítmica, que tem a finalidade de desenvolver a atenção, coordenação, ritmo, sociabilidade, disciplina, gosto pela música e criação de pequenas melodias.

Num segundo estágio, ocorre a apresentação dos

símbolos musicais, com pequenos solfejos, valores de duração, banda rítmica com partitura, aprendizado de flauta doce e criação de melodias.



Já no pré-teórico, são ensinados solfejos mais adiantados, pequenos ditados, ritmos mais difíceis, banda com partitura adiantada, flauta doce -

com o aprendizado de suas notas, elementos teóricos com explicação dos usados nos solfejos e jogos de leitura rápida.

Para o próximo ano é intenção instalar a Teoria Infantil, que será um curso para crianças já alfabetizadas, que terão noções de elementos teóricos de harmonia e história da música.

Josette não poderia fazer tudo isso e ainda ministrar cursos de flauta doce, piano, violão e flauta transversal, sem ajuda, por isso, há outras professoras: Ana Maria Guedes, Maria da Glória de Camargo, Marilene Akiko Miheguti, Nair

Effenberg Guelli e Sueli de Queiroz.

A filosofia da escola é “procuramos deixar a criança livre para que ela sozinha consiga descobrir seus interesses dentro da música”. Para isso ocorrer, procura-se oferecer aos alunos de bom potencial na fase mais favorável, que é de 5 a 8 anos, ambiente melhor para a aprendizagem.

Testemunhando o sucesso nos objetivos propostos, houve recentemente, apresentações das crianças da escola no Colégio Ana Pinto Duarte Paes, e no Grêmio, com exposições de piano, flauta doce e violão.

Apesar de tudo, continua a redistribuição da rede física

Diante das discussões em torno do Projeto da Redistribuição da Rede Física, continua o processo para sua implantação dentro do ensino oficial do Estado. Aparentemente, os protestos dos pais de alunos que se sentem prejudicados até a movimentação de políticos de todos os escalões poderá ser suficiente apenas no sentido de novas orientações.

A lei 5692, de 1971, diz que a escola de 1º grau deve ter 8 anos e seu currículo abranger formação especial e educação geral. Além disso, propõe revisão de objetivos, conteúdo, estratégias e avaliação, novos critérios de promoção e recuperação. Daí, surgiu a necessidade de integrar os antigos primário e ginásio e a simples superposição das escolas não foi suficiente.

Estudos preliminares levaram as autoridades educacionais a chegar à conclusão da necessidade de redistribuição da rede escolar oficial, para melhor aproveitamento dos recursos existentes. Por outro lado, tornou-se ainda mais

flagrante a falta de salas de aulas.

Em todas as cidades foi feita a setorização da zona urbana em setores delimitados por acidentes geográficos naturais e obstáculos artificiais, como estradas de ferro e de rodagem, avenidas de intenso tráfego. Isto porque era preciso a eliminação dessas entre a escola e a residência dos alunos. Em cada setor, a preocupação foi a de colocar, pelo menos, uma unidade escolar de 1º grau completo.

Segundo a professora Elza Facca Martins Bonilha, que trabalhou junto ao Grupo Regional, as vantagens da matrícula por setorização são: dar mais tranquilidade à família, pela garantia de frequência ao aluno a uma escola próxima de sua residência; oferecer oportunidade de um contato mais fácil e frequente entre pais, direção professores e orientadores; diminuir a movimentação de alunos através de coletivos e, como conse-

quência, a despesa dos escolares com condução; Evitar a preocupação, com horário, dos pais que levam os filhos a escola em condução particular; levar à formação de uma escola cada vez mais comunitária, frequentada por alunos do setor e todos seus moradores sentirão a responsabilidade de zelar pelo patrimônio que os serve; a própria escola, passará a sentir mais os problemas da comunidade e, sem consequência, seus currículos cada vez mais terão em vista, atingir aos objetivos levantados.

Contudo, isso tudo não foi suficiente para convencer cerca de 800 pais de alunos do Instituto de Educação Experimental de Jundiaí. Eles convocaram o Grupo Local para dar explicações a respeito do Projeto, cujas orientações foram emanadas diretamente da Secretaria da Educação do Estado.

Impetuosos, os pais protestaram veementemente contra a perspectiva de verem seus filhos mandados para outras escolas, chegando inclusive a

dizer que “animal é que a gente leva a trancos e barrancos de um lugar para outro, não pessoas, crianças, estudantes”.

Contudo, o Projeto do Grupo Local ainda não havia sido aprovado pelo Grupo Setorial que o fez depois de algumas reformulações, motivadas pela resolução do Secretário da Educação que dispõe sobre a sistemática das matrículas.

Com isso, primeiramente estudarão em escolas de seu setor, alunos de 1ª série do 1º grau, o que não chega a se constituir nenhum entrave, pois apenas terão preferência no estabelecimento, as crianças residentes nas proximidades.

No caso do Instituto de Educação, como no Ginásio Industrial, pois ambos têm regimento próprio, a implantação da redistribuição não irá interferir na continuidade curricular e nem no círculo social já formado por seus alunos. Isto porque da 6ª, 7ª e 8ª séries do 1º grau e 2ª, 3ª e 4ª

do 2º grau, a prioridade para as matrículas será aos já alunos.

No Instituto, da 2ª a 5ª séries, os alunos que estarão em primeiro plano para serem atendidos serão os moradores no setor, enquanto que no Ginásio Industrial o 1º grau será extinto paulatinamente.

O critério da setorização será aplicado nas demais escolas, onde ocorrerão, profundas mudanças já a partir do ano que vem. Para atender a demanda escolar, o Colégio José Romeiro Pereira deixará de ter 2º grau, enquanto que o Colégio Ana Pinto Duarte Paes passará a ter apenas ensino desse nível, pois o Gesc. Pedro de Oliveira, no mesmo bairro, será suficiente para os alunos de 1º grau.

Agora, as investidas contra o Projeto de Redistribuição da Rede Física deixaram de ser contra o Grupo Local, para se dirigirem diretamente ao Governo estadual. Isto, em forma de abaixo assinado,

com vistas à aprovação do projeto de lei do deputado Jayro Maltoni que prevê, entre outras medidas, a preferência na matrícula, exceto nas primeiras séries, de todos os alunos que tenha estudado no estabelecimento neste ano. As vagas remanescentes seriam destinadas aos estudantes do setor.

A redistribuição não deixa de ter seus aspectos práticos, mas pode motivar uma situação semelhante à existente: nas escolas de melhores condições, certamente deverá haver melhores alunos. O que agora parece ser privilégio de uma elite, passará a ser de um bairro.

Para contornar esta situação, garantem as autoridades educacionais, que haverá um nivelamento qualitativo do corpo docente de todas as escolas. Resta confirmar apenas se essa equalização será à altura de um bom ensino a todos ou não passará de um verniz que se dissolverá diante de um vestibular.